# VODU

# Religião e Magia Negra



**E.I.E. Caminhos da Tradição**

**© Todos os direitos reservados.**



# CURSO DE VODU

## INTRODUÇÃO

***"Desce a noite lentamente sobre o Haiti. Imenso véu negro, a transformar sombrias florestas em refúgios de pérfidos rituais. Inexpugnáveis domínios de bruxos e de exóticas divindades que, ao longe, não se fazem esperar: lento e compassado rufar de tambores anuncia a presença arrogante de antiqüíssimos cultos pagãos. Redivivos da pré-história africana, atrelados às mais puras nuances do cristianismo ou às mais sórdidas maquinações da magia negra e seus horrores!"***

A palavra vodu tem tantos significados quantos os seus formuladores, tamanha a confusão reinante entre os estudiosos da matéria.

Vodu, vudu, voodoo, vodun, vaudou ou, ainda, woodoo e hoodoo são apenas algumas das inúmeras grafias, que sugere este sincretismo, sendo que na língua fon se diz vodun, vudu na língua ewe.

Enquanto uns afirmam que o vocábulo provém da expressão vaudoisie, bruxaria medieval francesa, outros acenam com a hipótese da palavra estar vinculada ao deus Votan (serpente sagrada entre povos da América pré-colombiana), cujo culto teria sido revitalizado pelos negros daomeanos transportados para o Haiti, que identificaram tal divindade com sua Damballah, da qual falaremos adiante.

Na verdade, a razão parece estar com quem afirma ser a expressão vodu oriunda do fongbe, dialeto de origem daomeana. Neste, acentua William Seabrook, a palavra designa as divindades boas e maléficas, abrange toda a vida moral e religiosa dos fon e é raiz de grande número de vocábulos.

O que não se contesta, entretanto, é a atribulada evolução do vodu, iniciada quando desventurados contingentes de negros, arrebanhados à força para serem enviados para uma terra longínqua e estranha, entraram em contato, por mais de três séculos, com as crenças de indígenas e ensinamentos de missionários cristãos, numa imperfeita catequese feita de amor e de medo. Pois, que é o vodu senão uma bizarra fusão de elementos católicos e pagãos, sincretismo de fé religiosa e práticas mágicas?

Desnecessário lembrar que estamos tratando da magia propriamente dita. Esta nada tem a ver com aquelas pessoas que, perante uma platéia extasiada, tiram coelhos de cartolas. A magia deve ser tida como o conhecimento que o homem, desde a pré-história, tem de certas propriedades de determinadas substâncias, conhecimento viciado por uma

fé extremada em tais propriedades.

Curiosamente, o atual estágio das abordagens, levadas a efeito em tal assunto, começa a admitir que a própria magia tem certa participação na religião. Criar uma oposição radical entre ambas, considerando a magia mera corrupção da religião, é tese que começa a ser posta em dúvida. Se as religiões mais evoluídas possuem um sistema ético e moral mais desenvolvido, com um sentido do dever ser (normas éticas) e um sentimento mais profundo de solidariedade social e de piedade, é verdade paralela que inúmeros procedimentos, anteriormente considerados puramente religiosos, conformam práticas mágicas no mais puro sentido do termo.

É impossível falar da religião, lato sensu, excluindo a magia, complexo de crenças e práticas, segundo as quais há indivíduos privilegiados que podem agir sobre as coisas de uma maneira diferente da ação habitual dos outros homens. Pelo próprio fato de escapar ao profano, para entreabrir as portas do sagrado, é que a magia aparece lado a lado com a religião.

Claude Planson, que escreveu uma das mais completas obras sobre o vodu, define, magistralmente, o fenômeno:

Os mais sérios historiadores reconhecem hoje que a magia não é atualmente uma "contradição e uma corrupção da religião" (L. de Grandmaison in Christus, de J. Huby. Éd. Beauchesne et ses fils, Paris, 1947) senão que uma e outra estão sempre unidas, "seus campos de atuação se interferem frequentemente" (Julio Caro Baroja: Les Sorcières et leur Monde}. Estas evidências não haverão jamais de escapar a um crente que não tenha esquecido o antigo testamento, onde se vê Moisés demonstrar seus prodígios como os de Jammés e de Mambrés, magos do

Faraó, e Isaias por sua vontade somente, recuou a agulha do quadrante solar em dez graus, o Novo Testamento ou a Boa Nova é sempre acompanhada de datas que são chamadas mágicas: multiplicação dos pães, mortos ressuscitados, caminhar sobre as águas, curas milagrosas, etc. Onde é perfeitamente claro ver os signos, mas então aqueles nomes dormirão conosco frente à fatos semelhantes, ou caracteres similares se produzirão num contexto completamente diferente? Designar a religião como a órbita do bem e a magia como a órbita do mal é uma sistematização pouco convincente. De fato contrariamente à este que nos fizeram acreditar falsamente (e talvez ainda tirando vantagem da pretensão) sempre foi também um mago.

O ato mágico por excelência é capaz de produzir seu efeito contra a força da natureza, não é a transformação do vinho em sangue e do pão em carne, no curso da celebração da missa? “O Houngan e a Mambo são então não somente conselheiros e terapeutas, mas também magistas”.

Alguns autores afirmam que o vodu não passa de um caleidoscópio de práticas mágicas, que intenta ligar homens e espíritos mediante um laço, palpável, e não apenas mediante orações, em que se respeita vontade superior da divindade e se reconhece sua autoridade. A própria voz latina religio (daí, religião) significaria liame, ligação.

Outros consideraram o vodu um profundo transtorno psiconervoso de tipo religioso, que limita com a paranóia, confundindo, portanto, o sincretismo lato sensu com o próprio fenômeno da possessão dos fiéis pelos espíritos (loas).

0 mérito de classificar o vodu como uma religião, propriamente, coube a Jean Price-Mars, que disse:

"0 vodu é uma religião porque seus iniciados acreditam na existência

de seres espirituais que vivem em parte no Universo, em parte no estreito contato com seres humanos, cujas atividades controlam. Estes seres invisíveis constituem um Olimpo, dos quais os maiores levam o título de Papá ou Grande Senhor e gozam de particular veneração. 0 vodu é uma religião porque o culto desenvolvido para honrar as suas divindades exige um corpo sacerdotal hierárquico, uma comunidade de crentes, templos, altares, cerimônias e, finalmente, uma tradição oral que desde logo não chegou inalterada até nós, mas que, por felicidade, conservou a parte essencial do culto. 0 vodu é uma religião, porque do emaranhado de lendas e fábulas deformadas, é possível separar uma teologia, um sistema de idéias com ajuda do qual os antepassados africanos explicavam de maneira primitiva os fenômenos naturais, com que se criou o fundamento para a fé anarquista em que repousa o catolicismo corrompido de nossas massas populares. 0 vodu é uma religião bastante primitiva que se fundamenta em parte na crença em seres espirituais onipotentes - deuses, demônios, almas - e em parte na fé na feitiçaria e na magia. Em vista deste caráter duplo devemos ter em conta que tais concepções religiosas haviam sido mais ou menos puras em seu país de origem e que em nosso país foram modificadas, através de um século de contato com a religião católica".

Com o declínio da dominação dos brancos, o vodu evoluiu de tal forma, que se tornou a própria religião nacional do Haiti, em que pese a ascendência oficial do catolicismo. é a expressão do que a população rural do Haiti tem de original e de específico.

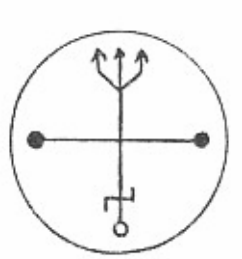
O sistema agrícola, sucessor do regime colonial, constituiu um retorno às origens, vale dizer, ao sistema feudal africano, no sentido de que o território foi dividido entre os militares, ficando os camponeses ligados ao solo. Disto resultou a falta de um centro dirigente para a religião, que se fracionou em inúmeras comunidades, cada qual evoluindo

de forma específica. Assim, a imagem que se costuma ter do vodu é sempre a mesma; entretanto, todas as descrições referem-se apenas ao vodu, praticado na região vizinha a Port-au-Prince, pelo que, na verdade, existem tantas ramificações no vodu quantas são as regiões do país e, mesmo para cada uma destas, constatam-se sensíveis variações.

Outro dado curioso referente ao vodu são os efeitos das migrações humanas sobre as religiões afro-americanas. A população negra é tremendamente móvel e grande parte dos trabalhadores do canal do Panamá vem das Antilhas anglo-saxônias, ao que os negros do sul dos Estados Unidos sobem para as plantações ou para as metrópoles do sul.

A ida de trabalhadores do Maranhão para a Amazônia não conduziu, a uma mescla do culto de loas, de orixás e de crenças nativas, resultando na conhecida pajelança. Sabe-se que à época da independência do Haiti, agricultores franceses fugiram para Cuba, levando consigo seus escravos, que fizeram com que o vodu fosse implantado em terras cubanas.

No sul dos Estados Unidos o vodu desfruta de grande prestígio, sendo praticado, também, no Oriente Médio, em novos Estados africanos e em vários países da Europa.



## DIVINDADES DO VODU

Desde sua chegada ao Caribe, os negros perceberam que suas crenças não eram bem vistas pelos senhores brancos. Para evitar sua irritação e represálias, adotaram curioso expediente para preservar o culto de seus deuses tradicionais: identificaram-nos com as divindades cristãs propriamente ditas. Assim, Obatalá passou a ser a Virgem das Mercês, Aleguá identificou-se com as almas do purgatório. Entre os negros que vieram para o Brasil ocorreria fenômeno semelhante: Xangô foi assimilado a São Jerônimo, Ogum passou a ser São Jorge. Nanamburucu confundiu-se com Santa Ana, enquanto Oxossi se fez São Sebastião. Iemanjá transformou-se em Nossa Senhora da Piedade, Iansã, mulher de Xangô, passou a ser Santa Bárbara, e Obá, companheira de Ogum, foi sincretizada com Santa Joana D'Arc.

Há, porém, uma entidade superior no vodu haitiano: é Bon Dieu, criador dos deuses e dos homens, dos quais se desinteressou por completo, a ponto de rir da miséria humana. Esta entidade maior

encontraria correspondente no Olorum afro-cubano.

Os jimaguas ou gêmeos, representados por dois bonequinhos de cor preta e vestidos de vermelho não encontraram entidade similar; corresponderiam, entretanto, aos ibeji da Bahia, assimilados estes a São Cosme e São Damião. Os gêmeos da Bahia conformam a divinização do parto duplo, bastante comum entre os nagôs.

Exu, ou como se diz em Cuba, Echu ou Elegguá, foi identificado ao diabo dos cristãos, O termo é de origem ioruba, significando divindade buliçosa. No Brasil, Exu tem fetiches trabalhados em barro, ferro ou madeira, sempre com acentuadas características fálicas. A assimilação de Exu ao diabo fez com que esta figura do sincretismo negro fosse apresentada como o próprio mal, interpretado este como a eterna luta entre o bem e o mal, vale dizer, dentro de nossos tradicionais padrões de moral. Entretanto, o pensamento ioruba não apresenta o mundo como fruto exclusivo desta dualidade, mas, sim, reconhece a existência de poderes construtivos e destrutivos, forças que, à deriva tanto podem ser invocadas para o bem como para os malefícios. O segredo da vida e o verdadeiro sentido da adoração e do respeito aos orixás consiste em estabelecer uma relação construtiva entre estes poderes latentes.

Quanto ao panteão do vodu haitiano, propriamente dito, é vasto como a imaginação humana. Suas divindades são denominadas loá (de lwa, loi) ou mistérios, na parte sul do país, e santos na parte norte. Podem ter origem africana ou antilhana, sendo mais significativas no primeiro caso.

Quando alguém que revele qualidades notáveis vem a falecer sua alma pode se tornar um loa. Assim, o panteão do vodu cresce indefinidamente, nacionalizando-se cada vez mais. Por ele desfilam heróis

nacionais, sacerdotes e até piratas famosos...

Ogum, divindade de origem ioruba, representando o ferro e o fogo, converteu-se, no Haiti, numa família inteira de deuses guerreiros. Assim, o vodu reconhece Ogun Badagris (que tem o posto de general), Ogum Ferraille (patrono dos soldados), Ogun Ashade (médico atendente dos militares em campanha) e Ogun Balindjo (curandeiro e também general). Ogun Badagris, à guisa de exemplo, transformou-se em São Tiago, e podemos lembrar que Ogum, na liturgia umbandista, equivale a São Jorge. No Haiti, o fiel montado por Ogun Badagris comporta-se como um guerreiro, agita a espada, fuma enormes charutos e pede rum.

Erzulie-Freda-Dahomey ou Ezili-Freda ou, ainda, Maltresse Ezili, comparada freqüentemente com Afrodite, pertence, como esta deusa grega, às divindades do mar e personifica a graça e a beleza femininas. Lindíssima, é sensual, volúvel, vaidosa e pródiga. Em cada houmfort há um compartimento especial para esta divindade, onde nunca faltam sabonetes, toalhas, perfumes e mais artigos de toucador. Adereços femininos são seus atributos, mas, seu símbolo é um coração. É representada como uma mulher branca vestida de azul, tendo muito em comum com nossa lemanjá ou Janaína.

No ritual rada, Erzulie é denominada Erzulie-Freda-Dahomey; terna e sensual, nascida da espuma das ondas do mar, seu pai é Agoué-taroyo (Agoué é corruptela do daomeano agbé, o mar), patrono dos navegantes. Já no service petro ela se chama Erzulie Dantor, e o coração que é seu vevé (brasão) passa a ser transpassado por punhais. Ela é, então, o amor paixão, que sublima o amor selvagem. E no rito zandor Erzulie se transforma em Erzulie zila ou Erzulie-zieux-rouges, monstro que devora os próprios filhos.

Damballah é a serpente, loa da fertilidade. 0 fiel, montado por esta divindade, arrasta-se pelo chão ou dependura-se de cabeça para baixo no teto do houmfort. Damballah está identificada com São Pedro ou São Patrício.

Já na cidade daomeana de Whydah (Ouiddah), a serpente era um animal sagrado a tal ponto que se aplicava a pena de morte a quem, mesmo inadvertidamente, matasse um ofídio.

No ritual rada, Damballah se reproduz por cissiparidade; macho, sob o nome de Damballah Ouedo, e fêmea, sob o cognome Aida Ouedo. No service petro, Damballah passa a ser Damballah Flambeau, ser andrógino, cujo principal atributo é a onisciência.

Nas chamadas seitas vermelhas haitianas, das quais falaremos adiante, Damballah gozaria de prestígio ímpar. Presume-se que uma cerimônia de adoração ao deus-serpente apresenta, em linhas gerais, o seguinte encaminhamento: na calada da noite, os fiéis começam a chegar, trazendo lenços vermelhos ao pescoço e sandálias nas mãos. Um sacerdote e uma sacerdotisa postam-se ao lado do altar principal, onde, num engradado encontra-se uma serpente viva. Depois de todos estarem seguros de que o ritual se acha ao abrigo de olhos profanos, os crentes formulam um juramento de que guardarão o mais absoluto segredo de suas práticas, lançando, contra si próprios, uma terrível maldição, caso faltem ao prometido. Em seguida, todos se põem em fila, em ordem de antigüidade de filiação à seita. Começam a expor seus desejos e ambições, em lamúrias e invocações à divindade. O sacerdote coloca a jaula do ofídio no centro do terreiro e ordena que a sacerdotisa se aproxime. Esta, ao se acercar do animal, começa a tremer e a manifestar convulsões, à semelhança de um réptil, enunciando profecias e respostas às questões propostas pelos fiéis. E, logo formula ordens que serão cegamente

cumpridas pelos respectivos destinatários. Terminada a sessão de consultas, os crentes passam a depositar suas oferendas ao pé do altar e, para consolidar o juramento anteriormente feito, bebem o sangue de um carneiro imolado na ocasião. Quanto à cerimônia de iniciação numa seita vermelha, supõe-se seja a seguinte: o sacerdote ou bruxo traça um círculo no chão e manda que os candidatos se aproximem. Cada um dos bruxos em potencial recebe uma pancadinha na cabeça, dada pelo bruxo maior com sua varinha mágica, e começa a bailar dentro do círculo. Caso perca o equilíbrio e saia da roda, eis um mau presságio; poderá, no entanto, ter nova oportunidade, como poderá, também, ser tido como um espião e entrar em maus lençóis...

Após a recepção dos novos membros da seita, o mestre de cerimônias põe um pé e uma das mãos sobre a serpente, ao que todos os presentes começam a entrar em transe, movendo o tronco, os braços e a cabeça, como se fossem cobras, tudo complementado com aguardente e outras drogas. A reunião se transforma numa orgia infernal, com urros, imprecações e queixas...

Agoué-taroyo é o loá responsável pelo mar, sua fauna e flora, e pelas embarcações. Tem por emblema navios em miniatura, remos pintados de azul ou de verde, conchinhas ou madrepérolas e, às vezes, pequenos peixes de metal. É representado sob a forma de um mulato de pele mais clara que o normal e de olhos verdes.

Heviossos (deuses do raio e do trovão, e que têm muito em comum com o Xangô dos ioruba) são também responsáveis pela aplicação da justiça, como Ogum o faz na umbanda.

Abaixo dos loás propriamente ditos, e do vodu stricto sensu, existem duas outras categorias de espíritos menos cotados: os zaka e os guedé.

Aqueles concedem a fertilidade do solo, divindades agrícolas que são, e costumam dizer pesados gracejos pela boca de seus cavalos. Um de seus mais significativos representantes é Zaka, também chamado Azaka-Méde ou Azaka-Tonnerre (Azaka-Trovão). Como um camponês, Azaka é avaro, desconfiado e hostil ao pessoal da cidade. E desencadeia o raio e o trovão, a exemplo de Heviossos. Os guedé são divindades daomeanas; criadas pelo guedé-vi, povo conquistado pelos fon e que era aferrado, ao que parece, por mórbida inclinação, para coisas fúnebres, pois no Haiti estes espíritos são patronos dos cemitérios e da morte. Surgem vestidos como agentes funerários, portando velhas sobrecasacas e cartola, como o faz, por exemplo, Baron Cemitière. Também gostam de dizer obscenidades, pelo que a cerimônia se divide, sempre, em duas partes: uma dramática (possessão dos fiéis pelos espíritos refinados), outra, cômica (possessão dos fiéis pelos zaka e pelos guedé). Baron Samedi (samedi, sábado, vale dizer, o último dia da Criação), colocado sob o signo de Saturno e simbolizado pela cor negra, tem parceiro certo no Exu Caveira, da macumba carioca. Este espírito haitiano é também conhecido por Baron Cemitière ou Baron-la-Croix, e tem como símbolo, a exemplo de Legba, uma cruz negra, marchetada em prata, que traduz a unidade da vida e da morte. Era o santo padroeiro do presidente François Duvalier. *(**François Duvalier**, mais conhecido como **Papa Doc** nasceu em 14 de abril de 1907, Port-au-Prince, Haiti – faleceu em 21 de abril de 1971, Haiti. Foi médico e ex-ditador do Haiti. Foi eleito presidente daquele país em 1957).*

Em Cuba, a veneração dos guedé haitianos encontra instituição semelhante junto à seita dos mayombé, que denota irreversível tendência para a magia negra, e a dos gangas, também poderosos feiticeiros e especialistas em ritos funerários, além de saberem formular, como ninguém, temíveis bruxedos (uganga).

Zaka e guedé são espíritos violentos e de mau caráter, que se

prestam a toda sorte de falcatruas para conseguir as oferendas de gente mal-intencionada, promovendo o sucesso dos malefícios e das poções mágicas. Marinette-bwa-chèch, Petit-Jean-pieds-fins, Ezilli-jé-rouge (Erzulie-zieux-rouges) são deste tipo, bem como o já citado Baron Samedi e sua mulher, Madame Brigitte que, a exemplo do marido, é a autoridade máxima sobre os cemitérios, principalmente naqueles em que a primeira pessoa sepultada tenha sido uma mulher...

Mais que um loa, propriamente dito, Legba (Papa Legba ou Atibon Legba) é um intermediário entre espíritos e humanos, e que encontra correspondente no Exu dos iorubas. Seu símbolo é uma cruz que nada tem a ver com aquela que identifica o cristianismo: o traço vertical representa o caminho que une as profundezas e as alturas, trajeto certo dos loas. Uma das pontas deste eixo repousa nas águas abissais, onde se acha a África, pátria legendária e reino dos espíritos, que de lá partem rumo ao mundo dos vivos. O traço horizontal representa o mundo terreno, humano. No cruzamento dos traços se estabelece o contato entre homens e divindades, cujo intérprete, afinal, é Legba, incumbido de abrir a barreira (abrir o caminho) que os separa, mediante a invocação que segue:

**Atibô Legba, l'ouvri bayè** Atibon Legba, abre a barreira
**pou mwê** pra mim
**Papa Legba, l'ouvri bayè** Papa Legba, abre a barreira
**pou mwê** pra mim
**Pou mwê pasé** Para que eu possa passar
**Lá m'a tounê, m'a salié** Logo que eu volte, saudarei
**loa-yo** os loas
**Vodou Legba, l'ouvri bayè** Vodu Legba, abre a barreira
**pou mwê** pra mim
**Lo m'a tounê, m'a remésyé** Logo que eu volte, recompensarei
**loa-yo** os loas

**Abobo!** Amém! (ou Louvados sejam os loas)

No ritual rada, Legba é um espírito fálico que abre as barreiras; no rito petro, Legba é o sol, sem o qual nenhuma forma de vida poderia se desenvolver.

Diremos, agora, que a religião dos negros provenientes do Daomé apresenta muitas analogias com a dos iorubas do Brasil e de Cuba. Ao vodu haitiano corresponde, em Cuba, a chamada santería, e os loas haitianos dizem respeito aos orixás. 0 houmfort encontra similar no ilé-ere (casa das imagens) cubano, também denominado ileocha (contração de ilé-oricha, ou casa dos orixás).

No Brasil, houve introdução de negros daomeanos que, estabelecendo-se no Maranhão, na Bahia e no Rio Grande do Sul, receberam o nome de jeje. Em razão de seu pequeno número, foram completamente absorvidos pelos ioruba. Aliás, num informe oficial de Londres, datado de 1789, se dá conta de que o Daomé exportava, na ocasião, de dez a doze mil escravos, dos quais a Inglaterra ficava com uma média de 700, os portugueses com 3.000 e os franceses com o restante, ou seja, de seis mil a oito mil por ano! Assim, foram os loas completamente obnubilados pelos orixás, não havendo, a recentemente, em nosso país, maiores vestígios de crenças relaciona com o vodu haitiano.

Na Bahia, os nagôs assumiram a direção das colônias negras, impuseram-lhes a sua língua e as suas crenças e, como não existe culto da serpente entre os nagôs, o importado pelos gêges acabou por desaparecer entre nós. De fato, não se deve crer que ele não tenha existido de todo. Como vestígios temos encontrado nos terreiros em que foi mais acentuada a influência dos gêges, ídolos ou figuras representativas da serpente. Em um terreiro encontramos como um dos ídolos, uma haste, ou

antes lâmina de ferro de cerca de cinqüenta centímetros de comprimento, tendo as ondulações de uma cobra e terminando nas duas extremidades em cauda e cabeça de serpente. Apenas a ignorância da mãe-de-terreiro a fazia desprezar a representação ou imagem figurada, para atender somente à qualidade da matéria-prima de que o ídolo era formado, fazendo-a tê-la por uma figura ou ídolo nagô de Ogum, orixá da guerra e do ferro, em vez de reconhecer nele o vodu gêge Dãnh-gbi, a cobra-deus.

"A lâmina de ferro, de cinqüenta centímetros, terminada em cabeça e rabo de serpente, a própria mãe-de-santo desconhecia o seu significado e origem - talvez não tenha ligação direta com o culto de Dá. A cobra, Dá, está presente em todas as práticas dos candomblés jejes na Cidade do Salvador. Aliás, na concepção nacional do Daomé, todo vodun tem a sua Dá especial. Uma cobra tinha lugar de honra entre os altares num xangô de Maceió. E, nas macumbas cariocas, vez por outra, surge uma cobra em posição de destaque nas cerimônias, traindo, embora esmaecida, a influência dos jejes".

Os africanistas brasileiros tiveram muito trabalho ao procurar descobrir aqui o culto da serpente, que lhes parecia definir tanto o vodu haitiano como o daomeano. Mas esta pesquisa repousava em uma falsa interpretação. Seguramente o Daomé conhece o culto da serpente, mas é um culto localizado, que só se encontra em Ouiddah, e é o culto, todo especial, do totem da família real desta cidade. Pode ter sido transportado de lá ao Haiti, mas unicamente entre os escravos vindos de Ouiddah; não caracteriza o vodu haitiano em geral. É certo também que no Daomé a serpente é o símbolo de Dan, que é a energia cósmica, circulando em toda a natureza, mas a serpente não recebe um culto particular. 0 resultado é que esses africanistas cometeram graves confusões: quiseram ver na dança serpentiforme de Oxumaré um resto do culto da serpente, quando Oxumaré é o arco-íris e o arco-íris é imaginado como uma serpente

mística, não tendo nada que ver com Dan, nem com o totem da família real de Ouiddah; encontraram pulseiras que representam uma serpente que morde a cauda (ouroboros), mas é a serpente-imagem de Oxumaré ou um símbolo de Ogum (estando Ogum ligado, na mitologia ioruba, com a serpente); por fim, foi descoberta em uma seita banto, uma caixa contendo uma cobra; mas é evidente que aqui temos a conservação de um traço cultural banto (povos entre os quais a serpente representa um importante papel, principalmente nas crenças sobre a morte), e não um traço cultural daomeano. Isto não quer dizer que, fora dos candomblés gêge, o vodu não exista no Brasil, em conserva, mas deve ser procurado noutro lugar.

O vodu praticado na República Dominicana (chamado luasismo, de loa), destacam-se estas divindades:

Papa Legba Macuté (Santo Antônio),
Ogun Balindjo (São Tiago),
Papa Pier (São Pedro),
Candelo Sedifé (São Carlos e a Candelária),
Belié Belcan (São Miguel),
Rafaeló (São Rafael),
Filomena (Santa Filomena),
La Vieja Mambo ou Mamita Mambo (Santa Ana).



## AS INICIAÇÕES

Existem três níveis iniciatórios no vodu ortodoxo, que são atingidos seqüencialmente conforme o indivíduo cresce em conhecimento e permanência na comunidade vodunista. Todos os graus de iniciação estão abertos tanto para os homens como para as mulheres.

Vodunista é o nome que se dá a uma pessoa não iniciada que freqüenta as cerimônias, recebe aconselhamento e tratamento medicinal do houngan ou da mambo e toma parte nas atividades do vodu.

Um não iniciado que está associado a um peristilo em particular, freqüenta as cerimônias regularmente e aparenta estar sendo preparado para a iniciação é classificado como hounsi bossale. Hounsi é da linguagem Fon dos Dahome e significa "noiva do espírito", embora o termo no Haiti seja utilizado para homens e mulheres. Bossale significa "selvagem" ou "indomado", no sentido de um cavalo selvagem.

O primeiro grau de iniciação confere o título de hounsi kanzo. Kanzo, também do Fon, refere-se ao fogo, e a cerimônia do fogo, também chamada de Kanzo, empresta seu nome a todo o ciclo iniciático. Indivíduos que são kanzo podem ser comparados a batizados numa seita cristã. Numa cerimônia vodu, os hounsi kanzo vestem-se com uma roupagem branca, formam o coro e são prováveis candidatos de possessão pelos loa.

O segundo grau é chamado de si puen, sur point em francês, isto é, 'no ponto', 'sobre o ponto'. Este termo se refere ao fato de que o iniciado passa por cerimônias "no ponto" ou apadrinhado por um loa em particular. Essa pessoa é então considerada um houngan ou uma mambo e lhes é permitido o uso do asson, sagrado chocalho emblema do

sacerdócio. Indivíduos que são si puen podem ser comparados a pastores de seitas cristãs. Numa cerimônia eles conduzem orações, cânticos e rituais e são candidatos quase inevitáveis para possessão. Uma vez iniciados como sur point eles podem realizar iniciações de hounsi kanzo e de si puen.

O terceiro e último grau de iniciação é o asogwe Houngans e mambos asogwe podem ser comparados aos bispos das seitas cristãs, pois podem consagrar outros sacerdotes. Indivíduos que são asogwe podem iniciar outros em kanzo, si puen e em asogwe. Numa cerimônia eles são a autoridade final sobre os procedimentos, a menos que um loa esteja presente e manifesto através do mecanismo de possessão. Eles são também o último recurso quando a presença de um loa específico é requerida. É dito que um asogwe "tem o asson", referindo-se à capacidade do asogwe de conferir um outro iniciado com o asson, elevando então o grau deste a asogwe.

Mesmo um houngan ou mambo asogwe deve submeter-se à opinião do houngan ou da mambo que o iniciou, dos que foram iniciados em asogwe antes dele, do houngan ou mambo que iniciou seu iniciador, dos iniciadores deste e por aí vai. Estas relações podem se tornar realmente complexas e há um ponto na cerimônia do vodu ortodoxo onde todos houngans e mambos, sur point e asogwe, participam duma série de gestos e abraços rituais que servem para elucidar e regular estas relações.

## A POSSESSÃO

O vodu compreende vários rituais e não apenas um, como se poderia pensar. Originariamente, cada rito era peculiar a uma comunidade africana, transplantada para o Haiti; porém, como os povos, também os deuses se amalgamaram.

O ritual haitiano de maior prestígio é o rada ou arada, procedente do Daomé. Os ritos nagô (ioruba) e ibo, advindos da Guiné, dissolveram-se quase que por completo no rito arada, ao passo que o rito petro, do Congo, subsistiu, mesclado com outros rituais congoleses e angolanos.

## RITUAL RADA

Uma cerimônia rada é realizada num templo denominado houmfort ou no campo descoberto. O sábado é o dia preferido pelos fiéis, seja durante o dia ou à noite. À entrada do templo, mesas com pães, peixes, aves, frutas, refrescos e guloseimas, enfim, um bufê onde os participantes da reunião podem comprar o que quiserem. O houmfort (hounfô, hounfor ou houmfor) nada mais é que um barracão, ao qual se acham anexados compartimentos especiais denominados peristilos, cujo teto é arrimado por colunas. A coluna do centro, por onde sobem e descem os loas, é chamada poteau-mitan, sendo profusamente ornamentada. Os peristilos, adornados com o escudo da república e com a efígie do presidente, são dedicados, cada um especificamente, aos vários tipos de rituais. Ao redor deles, pequenas capelas consagradas às divindades, cujas paredes se acham tomadas por cromos multicoloridos de santos católicos sincretizados com loas. No solo, vasos encantados (govis), contendo os espíritos de antepassados.

No houmfort as paredes acham-se cobertas de estranhos símbolos, denominados vévé: Damballah, a serpente; o coração quadriculado de Erzulie, destinado a práticas divinatórias; o barco de
Agoué-taroyo; as insígnias dos Oguns. Vê-se, também, o nome do hougan (sacerdote responsável pela comunidade) e constata-se a presença de imagens católicas por toda parte, bem como dólares e fetiches em

profusão. No chão, objetos de ferro forjado (assens) e, iluminando a cena, uma lâmpada de azeite, permanentemente acesa.

0 houngan (hungan ou n'gan) começa a traçar no solo, com cinza preta, farinha branca ou pó de café (conforme a divindade homenageada) o vévé (brasão) de cada Ioa (este hábito haitiano, supostamente vinculado a costumes de índios pré-colombianos, encontra similar no ponto riscado da nossa umbanda, feito com giz). São perfiladas, também, as figuras dos animais a serem imolados, até que se obtenha um grande vévé. Oportuno ressaltar, aqui, as propriedades mágicas que o vodu atribui ao sangue ofertado aos deuses, manifestação atávica de práticas mágicas antiqüíssimas, que encontram similares num sem-número de culturas. Nos desenhos formulados no solo, são colocadas, no transcorrer do ritual e em locais preestabelecidos, várias oferendas, de forma que os fiéis retardatários sempre estarão a par do andamento da reunião.

A sacerdotisa é conhecida por mambo. A carreira do houngan (sacerdote) é longa e difícil, embora seja ele capaz de invocar os loas. É obrigado a conhecer, de memória, inúmeras invocações, muitas entremeadas com palavras africanas, cujo significado não é certamente, conhecido pelos sacerdotes atuais. Na cerimônia acham-se presentes vários houngans e mambos. Numa posição hierárquica mais elevada estão o papaloi (papaloa), cujo cargo equivaleria ao de bispo, e a grande sacerdotisa, mamaloi (mamaloa).

Os houngans são assistidos por um mestre de cerimônia (la place), também chamado empereur, e vários auxiliares menores, como a reine silence, que mantém a ordem, o hounsi ventalleur, que cuida dos animais que serão imolados, e o hounsi cuisinier, que os cozinha.

O houngan é reconhecido por sua solene roupagem, quase sempre

negra, e também por trazer numa das mãos o asson, espécie de chocalho.

A orquestra compõe-se de quatro elementos, que batem em diversos tipos de tambores, como o boula (bula), o second (ségon), o manman (maman), também denominado assotor (assator). Atrás dos músicos, postam-se em semicírculo, os hounsi ou iniciados: meninas, donzelas, mulheres adultas e homens, todos trajando vestimentas alvíssimas. Seu número, em cada sessão, chega a cinqüenta. Representam o ballet e o coro. Em sua maioria, são kanzo, isto é, aqueles que já passaram pelos ritos de iniciação. A regente do coro chama-se hounguénikon ou impératrice, podendo suas funções ser atribuídas também a um homem.

Um estranho cântico conclama a comunidade (société) a participar do ritual: LE famille, semblez! Agoé/Reúna-se a família!/ Agoé! Eya! Guinin vã aider nous! Eya! /Guiné (África) nos ajudará!

Então, o la place, como mestre de cerimônias, começa a saudar os sacerdotes, no que é acompanhado pelos iniciados, após o que cada padre toma, com a mão esquerda, a mão direita de uma iniciada e a faz girar de um lado e de outro, ao ritmo dos tambores, até que todos sejam apresentados. A seguir, o mestre de cerimônias dá a conhecer os animais que serão sacrificados no ritual que se inicia, e um houngan enche a boca de clairin, espécie de aguardente temperada com pimenta, e borrifa os circunstantes, maneira africana de se fazer uma oferenda de álcool e de afastar os maus espíritos. 0 penetrante odor da bebida começa a tomar conta do ambiente, a tensão cresce, os tamborins aceleram o ritmo. Dentro em pouco, os iniciados começam a ficar possuídos (chevauché)...

No vodu, os fiéis entram em contato direto com a divindade, e é isto o que realmente caracteriza este sincretismo, a possessão pelos espíritos, somente alcançada através de danças, de ritmo crescente e fatores

coadjuvantes. É curioso constatar que os tambores utilizados nos rituais exercem as mais variadas influências sobre o ânimo dos crentes: alguns são sentidos na região precordial, provocando angústia e palpitações, outros convulsionam o ventre, favorecendo o recolhimento, a preparação mística, o êxtase final!

Seria, entretanto, puro engano pensar que o paroxismo alcançado no vodu significa desordem; na verdade, exige-se que os loas estejam presentes em momentos prefixados e que nunca deixem de aparecer nos momentos propícios. A possessão vem a ser, pois, fenômeno controlável, que obedece a normas precisas.

Para o observador não habituado ao espetáculo, o baile sagrado apresenta-se como uma barafunda dos diabos, barulheira sem ordem alguma, já que os iniciados são possuídos por loas diferentes. Alucinação coletiva ou paranóia, eis alguns qualificativos atribuídos ao vodu, em razão deste mal entendido.

Na verdade, o vodu não sugere uma alucinação coletiva. 0 estado de possessão não ocorre em meio a uma multidão excitada por um entusiasmo místico. Muitos espectadores da reunião fumam calmamente seus cigarros e comem seus bombons, indiferentes à possessão dos demais.

Cada divindade possui um ritmo próprio na batida dos tambores. Estes vão variando seu ritmo, conforme a determinação dos sacerdotes, que, para tanto, vão fazendo soar suas maracas. E os Ioas somente podem montar os participantes da reunião, quando convocados pelos tambores, que batem seu ritmo específico. Dir-se-ia que os sacerdotes são os maestros, suas maracas, as batutas, os tambores, a orquestra. Pode ocorrer a manifestação de um loa não convidado, chamado bossale ou

errante, sinal de mau agouro, pelo que os tambores despacham, de imediato, o importuno, através de um mazon (ritmo de despedida).

À vista do exposto, não se pode falar, também, de paranóia, quanto à possessão pelos Ioas. Nesta, o fiel se ajusta a leis de ação, profundamente enraizadas em sua cultura, leis estas que se subtraem quase que inteiramente ao espírito europeu.

Não se pode, por outro lado, classificar a possessão no vodu como um fenômeno epilético típico, pois, enquanto o fenômeno epilético é involuntário, por excelência, a possessão é provocada pela própria vontade do fiel, mediante sugestão. E depois, o possuído pode manter comunicação coordenada com outras pessoas, o que não ocorre com os epiléticos. Poder-se-ia dizer que o estado de possessão vincula-se à hipnose; no vodu o hipnotizador corresponderia aos tambores, que, mediante fórmulas rítmicas captadas pelo fiel, se dirigem aos loas conhecidos pelo bailarino, de tal sorte que este, ao receber a divindade, a materializa através de seus movimentos e de sua linguagem. Psiquiatras e cultores do hipnotismo sabem muito bem da importância das manobras monocórdicas e fatigantes, como meio de produzir a hipnose, o transe e estados análogos.

No candomblé, por exemplo, sem o atabaque, a festa perde 90% do seu valor, pois esse instrumento é considerado o meio de que se servem os humanos para as suas comunicações e para suas invocações aos orixás. É ainda, como na Âfrica, o seu telégrafo, dando a grata notícia da festa à gente do candomblé, por acaso distante. É o elemento de animação das cerimônias. É o único instrumento realmente apropriado para saudar os orixás, quando já desceram entre os mortais, ou para invocá-los, quando a sua presença é necessária; para saudar os ogãs - para marcar o ritmo - ora monótono, ora decorativo, ora vertiginoso e aparentemente desordenado - das danças sagradas. E, quando os orixás se negam a comparecer ou quando a sua ausência redunda na falta de interesse da

festa, é ainda o atabaque que provê a essas dificuldades tocando o adarrúm, que desorienta completamente as filhas e as faz cair uma após outra, no transe que precede imediatamente a chegada dos orixás.

Aliás, para a concretização do estado de possessão colabora o ambiente: o templo, o misticismo da liturgia, a sugestão de que se está rodeado de divindades, a presença de fiéis possuídos. E é curioso constatar que ninguém fica "montado", quando a sós, a possessão é fenômeno tipicamente associativo. A isto acrescente a mentalidade pré-lógica, intuitiva e mágica dos crentes e o consumo de álcool. Quanto a este, é de se mencionar seu consumo, bem como de outros tóxicos, em certos rituais afro-brasílicos, de notável atuação formativa da possessão. Entre os tóxicos de maior projeção, no caso, encontram-se a maconha e a jurema. A maconha (Cannabis sativa) é extraída do cânhamo, como o haxixe (Cannabis indica). A maconha é conhecida por kif, na Algéria e no Marrocos; takrouri, na Tunísia; habak, na Turquia; liamba, diamba, riamba, pango, fumo de Angola ou dagga, na Ãfrica; marijuana ou marihuana, na América, sendo que nos Estados Unidos a expressão groovy, da gíria hippie, significa bem informado, isto é, aquele que é afeiçoado à maconha.

Passando do continente negro para nosso país, a maconha expandiu-se principalmente no norte, e passou a contar com novas denominações: pungo, erva do diabo, banguê, cangonha, dirigio, fumo-do-mato, soruma. Este tóxico já foi tido pelos antigos chineses como uma erva libertadora dos pecados ou doadora das delícias, ao que os hindus não deixavam por menos e a cultuavam como guia para o paraíso e consolo para a mágoa.

Por sua vez, o haxixe é comuníssimo na África do Norte e em todo o Oriente, dando origem ao vocábulo assassino, já porque uma palavra

árabe - aschinchin - designava perigosa quadrilha que, ao tempo das Cruzadas, se punha sob os efeitos do cânhamo e cometia assaltos e atrocidades indescritíveis.

O escritor Arthur Ramos diz que, em certas áreas do norte brasileiro, a maconha tem seu cultivo cercado de escrúpulos religiosos, não podendo, por exemplo, ser colhida na frente de mulheres. Utilizada em candomblés, catimbós pernambucanos e batuques alagoanos, a embriaguez que produz varia com a porcentagem de tóxico ingerida pelo paciente e com o próprio temperamento deste. Predominam, entretanto, um estado de bem-estar e euforia ruidosa.

Quanto à jurema (Acacia jurema, Martins), desfruta de grande prestígio e de poderio tóxico ainda maior. Inicialmente utilizada pelos pagés e feiticeiros nativos, fazia com que os indígenas pré-cabralinos tivessem alucinações, que denominavam mistérios ou segredos da jurema. 0 emprego deste tóxico é comum nos candomblés de caboclo, havendo uma cantiga bastante conhecida na Bahia, e que diz assim: Eu sou caboclinho / Eu só visto pena/ Eu só vim em terra/ Prá beber jurema.

A jurema é obtida da raspa de uma raiz. Forma-se um caldo de matiz avermelhado que, liberto da espuma que vai se acumulando durante a preparação, se transforma numa bebida fortíssima, destinada a fazer com que seus ardorosos adeptos tenham os mais lindos sonhos.

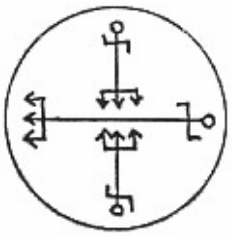
O transe se inicia por um estremecimento de todo o corpo: diz-se, então, que a entidade desceu sobre o seu cavalo. Em seguida, o estremecimento violento é, muito rapidamente, substituído por um comportamento específico e mais calmo, que se poderia definir em termos de papéis estabelecidos. No Rio cada médium pode receber várias entidades, mas sempre as mesmas. Durante uma celebração (gira) de

caboclos, o médium entra em transe: ele cambaleia, parece lutar, até o momento em que se transforma em um outro, até ser possuído. Ele se torna, então, Caboclo, ou um Exu, ou um preto-velho, dependendo do que estiver sendo celebrado naquele momento. Em outros termos, cada médium tem papéis fixos, sempre os mesmos, dentro de um certo número de ritos. Finalmente, após um tempo variável (uma hora ou duas), começam os agradecimentos às entidades que vieram ao terreiro. Às vezes se pede cortesmente a essas entidades que elas se retirem e voltem ao seu lugar habitual de morada (o espaço). Canta-se a sua despedida. Novos tremores se produzem então no corpo do médium, como no início do ritual. Seu olhar exprime o fato de que ele acaba de despertar, que ele volta aos seus estados físico e psíquico habituais, normais. É necessário insistir nesse fato essencial: o transe mediúnico não é, ao contrário do que se pensa habitualmente, uma desordem corporal incontrolável, do tipo histérica. É um comportamento organizado, muito significativo, como um melodrama. A descoberta da mediunidade começa por um transe selvagem. Um dia, num terreiro, sente-se descargas nervosas pelo corpo, repentinas, violentas, e uma força irresistível atira o indivíduo ao chão. “O transe selvagem pode manifestar-se, em princípio, em todas as pessoas que assistem a uma sessão de macumba”. O transe pode ser tido como um fenômeno psicossomático, que libera possibilidades expressivas inscritas no corpo, possibilidades estas que se podem manifestar também no sonambulismo, nos atos praticados sob hipnose e na histeria. O que não implica que o transe seja sonambúlico ou histérico. O transe talvez esteja presente nas pequenas descargas nervosas, como tiques ou cacoetes e outros fenômenos incontroláveis do corpo. 0 transe permite ao fiel retornar às terras de origem, à África, sendo abolido o real. Ocorre uma transposição mágica da alma do escravo para a terra dos ancestrais, com a perda da consciência e o esquecimento temporário dos sofrimentos.

Realmente, não seria a possessão uma válvula de escape à pressão

social, oportunidade única para um mísero e sofrido mortal se transformar, por instantes, num deus? Liberto das neuroses (mal típico do homem ocidental, em que pese a abundância de bens de consumo e do progresso da terapia), o adepto do vodu concentra em si um aumento de poderes físicos e espirituais, que vem a sera finalidade última deste sincretismo.

E, por que não frisarmos a curiosa observação de Claude Planson, no sentido de que o islamismo, sendo a única religião do tronco abrâmico, que estimula o fenômeno da possessão, vem obtendo notável progresso catequético em todo o mundo?



## DO VODU À UMBANDA

Tarefa ingrata, em razão dos multifários aspectos que o tema fatalmente enseja, seria analisar os sincretismos religiosos dos negros antilhanos, paralelamente às crenças afro-brasileiras. 0 próprio espírito de síntese que norteia esta obra não permitiria alongadas digressões neste sentido. Não poderíamos, entretanto, nos furtar a dizer algo sobre a

umbanda, o candomblé, a pajelança, o xangô e outras crenças, que bem servirá de complemento ao que foi dito, até agora, sobre o vodu haitiano.

Antes de tudo, porém, a colocação esquemática das principais religiões afro-brasileiras, em suas respectivas áreas de distribuição: babaçuê (Amazonas e Pará); batuque (Amazonas, Pará e Rio Grande do Sul); candomblé (Bahia); catimbó (do Piauí ao Rio Grande do Norte); pajelança, batuque e babaçuê (Amazonas e Pará, sendo o batuque, como vimos, praticado também no Rio Grande do Sul); casa de mina (Maranhão); umbanda, macumba e quimbanda (Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo); xangô ou changô (Alagoas, Paratíba, Pernambuco e Sergipe).

Qual a natureza da umbanda? Etimologicamente, o vocábulo parece significar sacerdote, como ocorre com a palavra quimbanda. As expressões umbanda e uanga representam pólos opostos na liturgia dos quimbundos; aquela designa a ciência de quimbanda ou tratamento médico; esta denomina a arte do feiticeiro ou malefício. Frisamos, aqui, a semelhança entre o vocábulo uanga e as expressões uganga (feitiço, entre os ganga cubanos) e ouanga (feitiço, no creole patois haitiano).

Segundo alguns autores, a palavra teria origem no sânscrito ou no hebraico; para outros, teria origem banto. E, segundo o mestre Yokannam, em linguagem simplificada oriental, umbanda significa legião de Deus, de um = Deus e banda = legião. 0 vocábulo poderia significar, também, o poder de perscrutar o futuro.

A umbanda é fenômeno tipicamente urbano, ao contrário, por exemplo, do vodu haitiano, assentado na área rural. Trata-se de uma tentativa consciente de reorganização das antigas religiões africanas, estioladas desde o século passado nas grandes cidades, onde subsistiam sob a denominação de macumba. Esta se apresentava como resultante da

urbanização e da industrialização do país, fenômenos que reduziriam o elemento negro à condição de subproletariado. Para resistir à influência desagregadora destes irreversíveis processos, as etnias negras sediadas no Rio de Janeiro se mesclaram, o que deu origem à macumba, sincretismo de fundamento jeje, nagô, musulmi, banto, caboclo, católico e kardecista. 0 espiritismo, introduzido no Brasil em 1863, obteria a mais ampla receptividade junto às camadas urbanas mais pobres, logo se fundindo com a macumba, pois nesta, afinal, também se podia receber as almas.

Fundamentalmente, da união espiritismo-macumba teria surgido a umbanda. Todo umbandista é espírita, por aceitar a manifestação dos espíritos, mas, nem todo espírita é umbandista, pois nem todo espírita aceita as práticas de umbanda.

Fundada, ao que se presume, na década de 1930 por um militar de Niterói chamado José Pessoa, espírita kardecista, a nova crença logo saiu do Rio de Janeiro rumo a outros estados da União, deitando raízes em São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Pernambuco.

Delineada a ideologia umbandista, logo surgiu a tendência de se menosprezar a macumba, já considerada como um corpo de crendices atrasadas e malévolas que se confundia com a quimbanda ou magia negra. Para bem assinalar a enorme distância existente entre a umbanda e a macumba, os doutrinadores umbandistas passaram a ligar as origens primeiras de sua crença às mais remotas tradições orientais, quiçá do Egito, de Israel ou da Índia, tradições estas que, posteriormente deturpadas pelos africanos, teriam dado origem à macumba.

Desta forma, na umbanda vão tomando ascendência cada vez maior os elementos espíritas e africanos mais compatíveis com os padrões de cultura e da moral ocidentais. Os sacrifícios de animais (que ainda existem

no candomblé) passam a ser considerados manifestações de crenças atrasadas, e os próprios orixás começam a perder suas características originais, passando do plano das forças da natureza para o plano do poder moral. Assim, Ogum abandona seus atributos de guerreiro para administrar a justiça, e Oxossi não é mais a divindade que favorece a caça, e sim aquele que aconselha a superação das tentações do corpo físico.

As crenças africanas mais puras que integravam a receita do sincretismo umbandista, vão se desagregando a cada dia que passa, em razão do predomínio do elemento branco, embora haja reações isoladas em contrário. Enquanto isto, através da macumba, celebrada no morro e na favela, o negro vai conseguindo escapar ao controle das federações umbandistas, mantendo vivo o espírito africano e a pureza religiosa tradicional.

Já se distinguiram dois tipos de religiões afro-americanas: as preservadas e as vivas. Uma religião preservada é conservadora, evita modificar-se, remanescendo fiel às tradições primeiras, o que não significa que não seja vivida e, portanto, autêntica. Por outro lado, uma religião é considerada viva quando, em vez de se cristalizar, se transforma incessantemente, seguindo as mutações da sociedade onde viceja. Nesta linha de pensamento, a umbanda é uma religião viva. A ideologia umbandista não é extática, enquanto admite adeptos de todas as raças e de todas as crenças. Visa, com isto, à religião de maior prestígio em âmbito nacional.

É preciso notar, também, que o chamado catolicismo popular brasileiro integra-se, perfeitamente, aos mistérios da umbanda e do candomblé, além do que a heterogeneidade de conceitos e as constantes mutações e adaptações ao meio por que passa a umbanda, conseguem captar toda sorte de idiossincrasias religiosas, entre as quais a dos

católicos de insegura e débil catequese. Frise-se que, no Brasil, o catolicismo, regra geral, mais que uma opção consciente, foi uma herança histórica que muitos receberam com indiferença e apatia.

Correria o catolicismo brasileiro o risco da mesma desmoralização ocorrida no Haiti, onde a Igreja, ao exigir de seus indecisos fiéis uma opção definitiva entre o cristianismo e o vodu, viu todo mundo optar pelos loas, sendo que somente depois de muito tempo voltou a reinar o equilíbrio de sempre entre as duas religiões.

As divindades da umbanda compreendem sete linhas, divididas em legiões e falanges. As linhas são as seguintes: de Oxalá, de Iemanjá, de Oxossi, do Oriente, de Xangô (ou Changô, terminologia que seria a mais correta), de Ogum e Africana. Diga-se de passagem que a quimbanda também tem lá suas linhas, igualmente sete: a das Almas, dos Esqueletos, Nagô, Muçulmana, Mussuruhy, Caboclos Quimbandeiros e Mista.

0 panteão umbandista apresenta três categorias de entidades: orixás e exus, caboclos (espíritos de índios) e pretos-velhos (espiritos de africanos). Os orixás da umbanda vão corresponder aos loas (loi, lwa) do vodu haitiano, e aos orichas da santería cubana, sendo de se pronunciar a palavra orixá (do nagô orisa), ori'dxa consoante ensinamento de Waldemar Valente.

Pretos-velhos eram aqueles escravos que, em vida, adquiriam uma sabedoria muito grande, que lhes permitia o livre trânsito entre a casa grande e a senzala. Nos seus pontos (cantigas) pedem licença aos orixás para entrar no terreiro, dedicando suas mandingas (feitiços) à extinção dos sofrimentos alheios. Praticam a caridade e consolam os aflitos, sob orientação dos orixás, que os recompensam por suas benemerências. Existem, entretanto, pretos-velhos quimbandeiros que se voltam, no mais das vezes, para a magia negra, sendo representados de peito nu e de pé, ao

contrário dos pretos-velhos de umbanda, convenientemente trajados e sempre de cócoras.

As entidades da umbanda caracterizam-se pela pureza e pela tendência ao bem. São impermeáveis àqueles espíritos cultuados no chamado baixo espiritismo, patenteando a ideologia da afirmação do espiritismo científico da umbanda em oposição ao baixo espiritismo da macumba ou da quimbanda. A umbanda, entretanto, não renega a teoria do continuum kardecista, pela qual os espíritos, em praticando a caridade e cumprindo as obrigações através de seus médiuns, sempre podem evoluir rumo à perfeição.. No final dos tempos, a reintegração dos espíritos será universal, e o princípio do mal será extinto. Disto se infere que a umbanda tolera os espíritos imperfeitos em processo de regeneração, pelo que surgem os exus batizados e suas variantes femininas (pombas-giras). A influência católica é, aqui, patente, sendo a pureza, a espiritualidade e a verdade representadas por imagens do catolicismo.

A mediunidade é característica precípua da umbanda, como no vodu, no candomblé, na macumba e em outros sincretismos. Além de receberem as homenagens a que fazem jus, os orixás podem baixar sobre os fiéis, denominados cavalos, incorporando-os sob o efeito da sugestão proporcionada pelo misticismo ambiente, pelos atabaques e pelos chamados pontos cantados (curimba ou cuímba) e pontos riscados feitos com giz branco (pemba ou pembe). Estes pontos riscados denotam sugestiva semelhança com os vévés ou brasões dos loas (orixás) do vodu haitiano; e a pemba é muito utilizada por negros do Suriname que, em seus rituais, pintam o rosto com os signos peculiares a seus deuses.

A liturgia umbandista é desenvolvida em templos cujo interior se assemelha, regra geral, às igrejas católicas ou protestantes. Bancos separados por corredores acham-se rodeados por altares laterais

subordinados a um altar principal. Cada centro umbandista conta com uma diretoria, secretaria e tesouraria, onde atuam um presidente, um vice-presidente, secretários, um tesoureiro e o conselho fiscal, que orientam a comunidade mediante atos administrativos afixados no mural do templo.

As giras ou sessões de umbanda são realizadas uma vez por semana; em cada reunião, cultuam-se espíritos de uma determinada falange, havendo, portanto, quatro sessões mensais. Às vezes, é acrescentada uma quinta sessão, a do Oriente, a mais distanciada da ideologia da macumba.

A sessão começa com a defumação do templo; os médiuns colocam-se defronte ao altar principal, de um lado os homens, do outro as mulheres. Abaixo das imagens, entre as quais a de Cristo, a da Virgem Maria e a de São Jorge, se postam o babalorixá (pai-de-santo) e a ialorixá ou babá (mãe-de-santo), sempre em local que lhes permita manter o controle absoluto sobre o desenrolar da sessão. Efetuado o sermão introdutório, começa a cerimônia denominada bater cabeça. Sempre cantando pontos em louvor dos orixás, os médiuns tocam a cabeça nos pés do babalorixá e da ialorixá; estes, por sua vez, tocam, com a cabeça, os pés das imagens. A seguir, ao som dos atabaques, os médiuns começam a ficar montados. Trazem, sobre suas vestes alvíssimas (obrigatórias durante o ritual), as guias ou colares característicos de seus orixás. Em caso de baixar um caboclo, o médium trará um cocar de penas e um charuto nos lábios; se descer um preto velho, o fiel usará chapéu de palha, cachimbo e bengala. Se a entidade for Exu ou Pomba-gira, cigarro ou charuto, capa preta e vermelha e uma garrafa de aguardente.

Começam, a seguir, as consultas às entidades. Versam, no mais das vezes, questões de saúde, de dinheiro e de amor. A informação desejada

sempre é complementada com a recomendação do uso de um banho de ervas, e da colocação de copos com água em vários lugares da casa do consulente, com o fito de ser afastado o mau-olhado. É preciso, também, cumprir uma determinada obrigação para que seja afastada a carga espiritual negativa atuante sobre o consulente.

Quanto à hierarquia litúrgica da umbanda, temos inicialmente o babalorixá ou babalaô (babalawo em Cuba e na República Dominicana) e a ialorixá ou babá. Entre suas atribuições, a identificação dos orixás que se manifestam a preparação e a iniciação dos filhos-desanto (kanzo, no vodu haitiano e vodunsi no candomblé jeje), riscar o ponto ao início das sessões, explicar a doutrina, dar passes, praticar a clarividência.

Depois vêm os ogãs, que entoam os pontos cantados e dirigem o trabalho de incorporação dos médiuns. A seguir, os cambonos e sambas, filhos ou filhas-de-santo, que protegem os médiuns enquanto tais e colaboram na realização das danças. Finalmente, os médiuns ou cavalos-de-santo (burros, quando incorporados por Exu).

A palavra macumba deriva da expressão mucambo, isto é, casa de quilombolas, negros refugiados em florestas, como em Palmares, que cultuavam os espíritos de seus antepassados e sonhavam com sua volta à África, pátria ancestral. Ou o vocábulo talvez tenha origem no jongo, dança semi-religiosa executada por dançarinos chamados cumbas. Ao realizarem os passos mais difíceis do bailado, os negros pediam a proteção dos cumbas velhos ou jongueiros experimentados. De acordo com a explicação de um negro centenário, o cumba seria um jongueiro perverso, pactuado com o demônio e mestre na feitiçaria, macumba ou reunião de cumbas.

Por outro lado, não é de se desdenhar o fato de que no candomblé exista um instrumento musical, semelhante ao reco-reco, denominado

macumba.

A macumba teve seu apogeu com o aparecimento do espiritismo no Brasil, pois a recepção dos mortos ou dos deuses africanos pelos vivos apresentava similitude patente. Isto propiciaria ao negro a conclusão de que suas tradições estavam plenamente justificadas por uma religião elaborada pelos brancos muito posteriormente...

Mais tarde, entretanto, como já dissemos, a umbanda passou a reduzir a macumba a um simples conjunto de artes mágicas maléficas, oriundo da deformação da tradição oral dos mais puros conceitos espirituais de antigas civilizações do Oriente.

Quanto a quimbanda designa este termo, inicialmente, um sacerdote, em oposição ao feiticeiro vulgar. No Brasil, entretanto, a expressão quimbanda tomou o significado de magia negra, inimiga figadal, portanto, da umbanda. Curiosamente, constatam-se casos de prática de macumba em certos templos umbandistas, após as sessões convencionais. Seriam as giras de Exu, que pressupõem o fechamento dos altares onde se encontram os chamados orixás brancos, passando Exu a ser o dono da reunião, assumindo até foros de androginia, ao tomar características femininas sob o apelativo Pomba-gira, Pombojira ou Bombongira. Dominam, então, a sexualidade e os instintos e pululam consultas a respeito dos mais convenientes caminhos a trilhar na realização sexual dos fiéis. Tais giras, é forçoso reconhecer, são as mais concorridas pelo pessoal, apesar dos esforços dos dirigentes umbandistas no sentido de suprimi-las de vez. São, evidentemente, as que mais se aproximam das tradições da macumba, mas, é preciso atentar, por outro lado, para o fato de que sempre é o Exu batizado que baixa na umbanda, isto é, aquela entidade que se regenera combatendo o mal e purificando-se cada vez mais através da teoria do continuum kardecista.

Passemos, agora, ao candomblé. Este vem a ser uma festa anual obrigatória dos negros iorubas (nagô) na Bahia, exemplarmente mantida

em vigor pelos descendentes dos escravos lá radicados. 0 culto, freqüentemente perseguido pela polícia, em razão de suas manifestações ruidosas, somente foi reconhecido pelas autoridades em 1976. A palavra candomblé designava, originalmente, uma dança, passando, depois, a denominar as próprias cerimônias religiosas afro-baianas. Há quem diga, porém, que candomblé era a designação conferida aos atabaques utilizados nos rituais, sendo o sufixo blé estranho à língua ioruba, podendo ter surgido apenas por corruptela ou por imposição vocabular de outra etnia. As danças que teriam dado origem ao atual candomblé constituem uma invocação aos orixás. São levadas a efeito principalmente por mulheres, cujo potencial chamativo seria maior que o do elemento masculino.

0 candomblé sugere ingredientes das mais diversas procedências: africanas, indígenas, católicas e espíritas, com predomínio das influências negras. 0 candomblé de caboclo, apresenta elementos de origem jeje, ioruba, indígenas e mestiços, com destaque para as crenças ameríndias e espíritas. Nos candomblés de caboclo, os orixás denominam-se encantados.

0 sincretismo religioso peculiar ao candomblé se faz presente ainda hoje: em todos os barracões constatam-se altares católicos, e os orixás sempre têm uma segunda natureza, encontrada nos santos do cristianismo. 0 candomblé adota, também, como símbolos, a cruz de Cristo, a hóstia, e inúmeros episódios bíblicos são revividos nos pontos cantados. Seus adeptos freqüentam a missa católica, confessam, comungam, e uma das mais fortes tradições do candomblé obriga as iniciandas a assistir à missa do Bonfim, numa sexta-feira previamente marcada, para que possam se considerar aptas ao exercício de suas funções religiosas.

Olorum é o supremo criador dos deuses e dos homens; abaixo dele

estão os orixás, dos quais o dirigente maior é Oxalá, identificado a Cristo (Senhor do Bonfim, na Bahia). É vastíssimo o panteão do candomblé, mas, entre os orixás não existe hierarquia. Destacam-se, no entanto, Oxalá, Xangô (ou Changô), Ogum, Oxossi, Xapanã, Oxum, Iemanjá, Iansã, Oxumaré, Ifá. Oxalá é a manifestação cósmica do céu, da terra e da luz, da paz e do amor; Xangô é a manifestação da justiça, da força e do poder, sendo representado pelo trovão, tendo, portanto, sósias haitianos em Heviossos e Zaka Tonnerre. Ogum, por sua vez, é manifestação da luta, sendo orixá das guerras e das demandas, enquanto que Xapanã é o médico dos pobres, assumindo duas personalidades: Abaluaiê, quando jovem, e Omulu, quando velho.

Exu (Papa Legba, no Haiti; Echu, Eléggua ou Elebará, em Cuba), não é loa nem orixá, e sim intermediário entre homens e deuses e criado destes. Pretenda alguém obter favores desta ou daquela divindade e terá, antes de mais nada, que despachar Exu, a fim de que, com a influência que este exerce junto aos deuses, possa conseguir o almejado.

Exu só fará o que lhe pedem se lhe derem as coisas de que gosta, como azeite de dendê, cachaça e fumo. Se for desprezado ou traído preparará as maiores travessuras, prejudicando as cerimônias. Eis porque, como no Haiti, os primeiros momentos dos rituais do candomblé lhe são dedicados inteiramente, começando toda cerimônia com seu inevitável despacho.

Exu não é, entretanto, uma entidade malévola propriamente dita, como poderia fazer crer seu sincretismo com o diabo dos cristãos, devidamente elaborado por missionários católicos. É, quando muito, um espírito travesso e interesseiro, que pode ser invocado para produzir o bem ou o mal. Aliás, o africano não atingiu o estado do chamado dualismo religioso. Seus deuses apresentam, em geral, caráter ambivalente e podem

ser, a um só tempo, perigosos e benévolos. Exu se enquadra, como nenhuma outra entidade afro-americana, nesta linha de pensamento, e há quem o considere uma espécie de anjo da guarda, em que pese o fato de que em certos terreiros do xangô pernambucano, ele seja tido como um espírito maléfico por excelência, sempre invocado por gente mal intencionada. Já na macumba carioca, Exu. é o maior protetor desta seita.

A assimilação de Exu ao diabo desnaturaria seu primitivo caráter, e como a influência do branco foi maior no Rio de Janeiro, a umbanda se encarregaria de elaborar a existência de dois tipos de Exus, os maus ou pagãos e os bons ou batizados.

Dissemos que nenhuma cerimônia do candomblé pode se efetuar sem o despacho de Exu. Tal despacho, também chamado padê, consiste, no mais das vezes, em oferecer ao homem das encruzilhadas uma galinha preta aberta ao meio, transformada em cabaça sacramental, cheia de ingredientes diversos que atuam como oferenda.

Mas, o despacho pode consistir, também, numa grande cesta contendo bode, galinha preta ou animais diversos, bonecas de pano (dagyde ou vulto) crivadas de alfinetes, farofa de azeite de dendê, cachaça, tiras de pano vermelho e moedas. Na macumba carioca uma prenda de Exu consistirá numa vela acesa, uma garrafa de cachaça e charutos.

Na década de 1930, quando a umbanda se pôs em contato com o ocultismo, as oferendas a Exu se tornaram bastante sofisticadas: as garrafas de cachaça e as caixas de fósforos deviam estar abertas e certos despachos só podiam ser depositados nas encruzilhadas machos (em forma de cruz) ou em encruzilhadas fêmeas (em forma da letra T). Em qualquer caso, estariam excluídas aquelas trafegadas por bondes, uma vez que a influência do ferro ou do aço dos trilhos neutralizaria o efeito do ato mágico.

Exu é vaidoso, gosta do luxo e de festas e não tem maiores preocupações com a moral tradicional. Dependendo do barracão, pode ser até pornográfico e luxurioso, No candomblé é chamado de compadre, meu chapa ou doutor. Consagram-se-lhe todas as segundas-feiras, mas, como sem ele nada se faz, atua todos os dias. Sendo, entretanto, louvado desde o primeiro dia da semana, supõe-se que os demais correrão sem maiores problemas causados pela travessa entidade.

A provável origem da consagração de Exu na segunda-feira talvez resida numa lenda que elucida, também, a origem do homem das encruzilhadas. Ei-la: Um rei do Congo tinha três filhos, Xangô, Ogum e Exu. Este não era um mau caráter propriamente dito; era, isto sim, pleno de vitalidade, brincalhão, aguerrido e amante de algazarras e maroteiras.

Quando as pessoas transitavam em frente ao palácio de seu pai, costumava pregar-lhes peças das mais significativas e, caso protestassem, apanhavam. Um belo dia, Exu morreu. A partir de então, sempre que o povo pedia benesses aos deuses ou celebrava suas festas religiosas tradicionais, nada dava certo. Os rios começaram a secar, o gado a morrer, a peste a grassar no reino. Um babalaô consultou os obis; estes informaram que Exu lá no outro mundo, tinha ciúmes dos deuses e também queria uma parte dos sacrifícios. Mais: queria ser venerado antes de todos. Daí por diante, nunca mais se fez nenhuma oferenda ou cerimônia sem que Exu fosse servido e despachado antes de qualquer outra divindade.

Exu pode se manifestar num fiel, mas, como não é orixá, teoricamente não se poderia dizer que o crente é filho de Exu, e sim que ele tem um carrego de Exu, vale dizer, uma obrigação ainda não saldada com o compadre.

Detalhe curioso referente a Exu é a existência, na macumba carioca, da cerimônia dos cemitérios, onde Exu Caveira corresponde, em linhas

gerais, ao Baron Samedi haitiano. Aliás, é de se frisar a semelhança existente entre os espíritos guedé haitianos, que celebram a morte, e o citado Exu Caveira ou Sete Caveiras.

Quanto à localização e organização do candomblé, é de se dizer que as danças são levadas a efeito em casas da periferia, dotadas de um barracão (roça) para as cerimônias. Tal localização, apartada dos centros nobres, tem suas razões: os rituais se prolongam, às vezes, por extensos períodos, que chegam quase a um mês; além disto, as festas, realizadas longe dos centros urbanos, não molestariam os cidadãos não filiados à crença.

0 barracão de candomblé é retangular, e nele se vêem enfeites de papel colorido ou de palha, formando pontos riscados. Há um trono sacerdotal e um lugar reservado para os atabaques (estádio), bem como o indefectível altar com santos católicos. No centro do barracão acha-se enterrado o exé (força), ligado por uma coluna ao teto, ao redor da qual giram filhos e filhas-de-santo. Este pilar, que simboliza a vinculação dos homens aos orixás não encontra, porventura, instituição semelhante no poteau-mitan do vodu haitiano?

Em torno do barracão, estão os ilês ou casas consagradas aos orixás (ilé-ere ou casa das imagens, na santeria cubana, também chamada ileocha, contração de ilé-oricha). Estas casinhas, denominadas assentos dos santos, indiciam alguma similitude com os peristilos do houmfort haitiano. Um destes compartimentos, dedicado a Exu, fica à entrada do santuário, pois ele é ciumento e poderia brigar com os orixás. Nos candomblés de caboclo, os espíritos também não residem no interior do santuário, pois gostam do ar livre, devendo ser venerados em pontos prefixados, sempre assinalados por uma árvore.

0 roncó é o recinto onde se acham os otás (pedras sagradas) dos orixás, mas, a palavra pode designar, também, os atabaques percutidos nos candomblés de caboclo.

0 pêji é o local reservado para os assentamentos e otás, situandose no próprio roncó. Neste, assentado no solo, está o eró ou segredo do babalaô.

A camarinha é o recinto onde se preparam iaôs para a feitura do santo na cabeça, e onde se levam a efeito os assentamentos ou preparação do corpo dos iniciados que servirão de moradia aos orixás. Na camarinha são efetuados, também, os sacrifícios de animais e os processos de curas.

As criadeiras são alojamentos onde os iniciados recebem do babalaô e da mãe-criadeira os ensinamentos típicos do candomblé.

No candomblé nagô, o pai-de-santo se chama babalorixá e a mãede-santo ialorixá (iyalorixá); no candomblé jeje, ambos são chamados vodunô.

0 pêii-gã é o responsável pela conservação e pelo aspecto festivo das cerimônias, ao passo que o ogã (ogan) seria uma espécie de procurador do candomblé, com a função de prestigiar financeiramente o barracão.

No plano espiritual, tanto o pêji-gã como a ialaxé (zeladora do altar) estão abaixo do pai-de-santo e da mãe-de-santo.

Axogum é o sacrificador de animais, e depois dele vêm as filhas-de-santo (iaôs), seguidas por suas servas, as ekêdi ou kedi, encarregadas de acompanhar as filhas-de-santo durante as danças, e de enxugar seu suor com toalhas brancas.

Encerrando o quadro de figurantes do candomblé, surgem os abiãs, que remanescem. numa fase imediatamente anterior à iniciação propriamente dita.

A possessão dos fiéis pelos orixás chama-se virar para o santo; quando o fenômeno ocorre pela primeira vez com alguém, é denominado bolar para o santo. Quando isto ocorre com algum espectador do ritual, a pessoa é levada para o roncó, onde o babalaô revelará, através de seu poder de mão-de-búzios, qual o orixá manifestado. Posteriormente, o iniciando receberá orientação da mãe-criadeira e virará para o santo, com a raspagem total dos cabelos. A partir de então, permanecerá enclausurado em sua criadeira, exceção feita às cerimônias das saídas, que são três: a primeira, denominada saída para Oxalá, a segunda, chamada saída de dijina, e a terceira, consistente na apresentação pública do santo.

Após a primeira saída, o iniciando recebe as curas no corpo e na cabeça e o sangue dos animais consagrados ao orixá. É relevante a importância que o sangue, líquido vital por excelência, tem no candomblé, atavismo, certamente, de antiqüíssimos cultos africanos. 0 sangue “é um líquido muito especial diria Mefistófeles ao Dr. Fausto, no célebre poema de Goethe”. Realmente, em todos os povos de todas as épocas, os sacrifícios humanos ou de animais bem demonstram que o sangue, mesmo fora do corpo do ser sacrificado, continua vivo, palpitante. Ao oferecer sangue aos deuses, o sacerdote está oferecendo a própria seiva da vida. A imolação dos animais é feita pelo axogum, e o sangue é recolhido para várias finalidades sacras, entre as quais a preparação do vinho do santo.

A saída de dijina, revelará o nome pelo qual o orixá deseja ser conhecido. 0 babalaô encoraja a entidade manifestada a enunciar o nome ou dijina, através do próprio fiel.

Qualquer pessoa pode assistir às cerimônias do candomblé e se passar a freqüentar com assiduidade o barracão será designado abiá, mesmo que prefira não ter nenhuma vinculação com a seita. Com a iniciação (feitura do santo na cabeça), o abiã passa a filho-de-santo e depois a iaô. Após sete anos de estágio, os iaôs passam a ebâmi e, em seguida, ao grau de babalorixá ou ialorixá.

Quando o babalorixá recebe de um babalaô (adivinho, sacerdote de Ifá, divindade da clarividência) os poderes de fazer cabeça e de mão-de-búzios (oráculo de Ifá), assume as funções de babalaô.

Entre as prerrogativas do babalaô incluem-se a permissão para diminuir o prazo de sete anos que leva o iaô para chegar a ebâmi, e a indicação de fiéis para o exercício de certas funções religiosas, como a de sacrificador de animais, ogãs ou alabês (tocadores de atabaques).

Atingindo 21 anos de ministério religioso, o babalaô é elevado a tata ou Grande Pai, ocasião em que já pode ir escolhendo um substituto para atuar no barracão. Passará a vodunô (termo jeje) quando completar a bela façanha de 50 anos de atividades religiosas.

A consulta aos orixás (oráculos) também se faz presente no candomblé, sendo atividade privativa do babalaô Ifá, orixá da adivinhação, oferece resposta, pelas mãos do babalaô, para todos os problemas materiais ou espirituais dos fiéis. Tendo nas mãos o otá (pedra consagrada) o crente deve estar descontraído e concentrado, para poder transmitir ao babalaô suas vibrações. Estas transferir-se-ão para os búzios (pequenas conchas), cuja posição, ao serem lançados, revelará a atitude a ser tomada pelo consulente.

Quanto às guias, são colares coloridos que representam a vibração do orixá, atuando como eficaz proteção aos seus portadores, exatamente como se usam ouangas benéficos no Haiti. As guias indicam, também, o orixá protetor de quem as usa, bem como o cargo religioso que possivelmente exerça.

Encerrando este capítulo faremos, agora, uma breve digressão sobre outros sincretismos existentes no Brasil, quais sejam, o catimbó, a casa de mina, o babaçuê, a pajelança e o xangô.

A presença de nordestinos na Amazônia, a partir da segunda metade do século XIX, foi de grande importância para a região, pois tal imigração modificou grandemente a paisagem econômica e cultural da área. 0 nordestino espalhou-se por todo o vale amazônico e, com ele, veio outro elemento: o catimbó, experimento religioso surgido no Nordeste brasileiro e resultante da integração dos sistemas de crenças de que eram portadores o indígena subjugado, o negro importado e escravizado e o português colonizador.

A palavra catimbó apresenta várias acepções: ora é feitiço (cangerê), ora designa a pipa usada pelo sacerdote para defumar os fiéis. Embora praticado em todo o nordeste do país, o catimbó não tem a mesma organização e vistosidade do candomblé ou do xangô. Já foi tido como um pobre amontoado de práticas mágicas, sem maior embasamento ideológico. Apresenta influência portuguesa, devidamente mesclada com crenças negras, ameríndias e de baixo espiritismo.

Em São Luís do Maranhão parece ter sido conservado um sistema de crenças oriundo da cultura fon, a mesma que teria influído decisivamente na formação do vodu haitiano. Seria a casa de mina, espalhada por todo o estado, até chegar à Amazônia.

0 babaçuê, por sua vez, é um sincretismo de influência jeje-nagô, sediado em Belém, que vem ganhando terreno sobre o batuque. Este, parece ter sido trazido de São Luís do Maranhão para Belém. do Pará no final do século XIX. No seu lugar de origem, já contava com elementos do catolicismo, do catimbó e da pajelança e, quando no ciclo da borracha, muitos praticantes deste culto se transferiram para Belém, houve um natural fortalecimento do catimbó e da pajelança, cujos elementos principais já existiam na crença recém-chegada.

Quanto à pajelança, teve origem na conquista da Amazônia, iniciada no século XVII, a qual visava conseguir uma nova fonte de especiarias para Portugal, que estava a perder aquelas que possuía no Oriente. Deste feito, o grande colaborador dos portugueses foi o índio, como o havia sido o negro na exploração do açúcar, do café e das minas. Com o passar do tempo, o estilo de vida dos silvícolas impôs-se ao dos negros chegados posteriormente para a lavoura e trabalhos urbanos. E com a vinda de maranhenses para o vale amazônico, houve o amálgama das crenças negras e daquelas nativas, resultando a pajelança. Neste sincretismo, a influência ameríndia se faz mais forte na área rural, sendo que na cidade predominam as influências africanas, espíritas e católicas.

0 instrumento musical básico da pajelança é a maraca que o pajé usa com exclusividade (como no vodu haitiano somente o houngan pode ritmar o asson), sendo as cerimônias fartamente ilustradas com danças e pontos cantados, destinados a atrair e divertir os espíritos. Enquanto em outros sincretismos as divindades se apossam dos fiéis para deles fazer um instrumento de comunicação com os mortais, na pajelança somente o pajé tem o condão de atuar como médium dos espíritos das florestas e dos rios. A pajelança vai encontrar na encantaria piauiense uma variante bem pronunciada.

Do xangô, praticado na Paraíba, em Pernambuco, nas Alagoas e em Sergipe, podemos dizer que é uma criação de diversas etnias negras: ioruba, jeje, congo, mina. A influência muçulmana teria sido relevante no xangô, bem maior que na Bahia, onde, no ano de 1835, os maometanos foram literalmente exterminados por uma razia policial destinada a acabar, de uma vez por todas, com as freqüentes rebeliões promovidas por esta etnia.

Alguns autores afirmam que o xangô nada mais seria que uma derivação do candomblé, havendo mesmo, uma tendência de se substituir a própria denominação do culto pela de candomblé.

Além de designar o próprio sincretismo de que estamos a cuidar, a palavra xangô nomeia, também, o local dos rituais, cujos adeptos são chamados xangozeiros.

0 terreiro de xangô apresenta inegáveis semelhanças com o barracão de candomblé. Aparecem o pêji, os santos católicos e a casa das almas (balê). Como na Bahia, o chefe do terreiro de xangô é o babalorixá; mas, a mulher somente chega à posição de mãe-de-santo quando atinge a menopausa. As ekêdi recebem, no xangô, a denominação de iabá, e à parte pequenas diferenças, pode-se dizer que neste sincretismo impera o mesmo arcabouço litúrgico do candomblé, sendo sua meta principal, também, a descida do santo. E por falar em santo, Xangô (ou Changô) é, por definição, a mais importante das divindades do sincretismo em epígrafe, embora encontre em Ogum sério rival da sua popularidade. Orixá das tempestades e dos relâmpagos, Xangô tem seu fetiche nas chamadas pedras-de-raio. Em Pernambuco, Xangô se bifurca em Xangô-moço (São João) e Xangôvelho (São Jerônimo).

Outra divindade de respeito é Xapanã, também conhecido por Obaluaiê ou Abaluaiê, correspondente ao Omulu do candomblé. Considerado o médico dos pobres, sempre avisa seus fiéis da iminência de alguma epidemia ou ajuda a curar através dos médiuns em que se manifesta. Ogum, que rivaliza com Xangô em popularidade, vem a ser o patrono dos soldados e dos ferreiros.

Exu, protetor da entrada do santuário, é também chamado, em Pernambuco, Mojubá, Tiriri, Lonã, Maioral e Barabaô. Em alguns terreiros de xangô, Exu não tem nada de batizado, sendo tido como entidade especialmente maléfica e utilizado para despachos pouco simpáticos. Estes se compõem, geralmente, de esqueletos de animais, pipocas, galinha morta, mariscos, sal, moedas, velas e papel vermelho. Colocados nas encruzilhadas ou nos lugares transitados pelas vítimas, constituem malefícios de primeira ordem.

## AS LINHAS

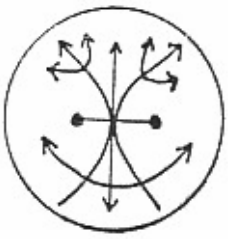
A Linha Radá tem cerimônias leves e possui muitos adeptos. Esse nome deriva de Arada, uma deidade do Daomé e seus deuses são vindos do Golfo da Guiné, terra mítica para os adeptos.

A Linha Petrô acolhe os lois mais recentes, surgidos na América. As cerimônias são mais agitadas.

A Linha Vermelha abriga as verdadeiras sociedades secretas do Vodu e dedica-se à “magia negra” e a sacrifícios humanos, rituais realizados tanto no interior da Ilha quanto em luxuosos apartamentos na Capital.

Uma prática muito conhecida é um objeto mágico (WANGA), que os feiticeiros haitianos (BOKOR) preparam com o pó de cemitério, raízes de mandrágora e ervas venenosas. Acredita-se que os feiticeiros têm o poder

de despertar cadáveres, transformando-os em zumbis ou mortos vivos, os quais perdem a consciência e a vontade e realizam trabalhos pesados a mando dos feiticeiros. Porém, os sacerdotes da Linha Branca ou Radá têm o poder de neutralizar essas práticas “assustadoras” através de outras fórmulas mágicas.



## VODU E MAGIA NEGRA

Subsistem, no vodu haitiano, cinco grupos de divindades: rada (ou arada), congo, zandor, ibo e petro, invocadas em vários tipos de rituais (services). A predominância deste ou daquele está vinculada à composição étnica das comunidades, e cada facção religiosa mantém santuários, liturgia e paramentos específicos. Destacam-se, contudo, dois ritos: o rada e o petro.

Os espíritos que comandam o ritual rada provêm do Daorné (reino de Arada) e seu elemento natural é a água. Neste rito, são utilizados elementos hauridos estritamente junto ao cristianismo e à magia branca. Quanto ao ritual petro, as divindades a ele peculiares são oriundas da África Central, sendo o fogo seu elemento natural. São deuses rudes e violentos, que tanto podem fazer o bem como o mal. A cor típica do rito petro é o vermelho, já que seus adeptos se voltam para sacrifícios de sangue.

0 ritual petro ainda não teve sua derivação etimológica definitivamente assentada, tendo sido, inicialmente, sugerida a hipótese de que a expresão petro teria origem na introdução de uma nova liturgia afro-antilhana no Haiti, em 1768, por um negro chamado Dom Pedro, emigrado da cidade de São Domingos, na atual República Dominicana. Posteriormente, achou-se que o vocábulo advém, isto sim, da voz Dan

Petro, significando Dan, a serpente, pelo que o loa principal deste rito vem a ser Dan Petro.

Dissemos que os agressivos deuses do rito petro podem ser invocados tanto para o bem como para o mal. Isto fez com que, muitas vezes, este service do vodu haitiano fosse confundido com as seitas vermelhas, meras confrarias de feiticeiros voltadas, permanentemente, para a prática da magia negra. Desta forma, inúmeros autores tomaram o vodu num sentido perigosamente amplo, nele incluindo, não só o conjunto de todos os rituais fundamentados na perfeição e na regeneração espirituais, através da prática do bem, como todas as práticas mágicas corruptas. Fundamentam-se na teoria, aliás defensável, de que o pensamento africano não conhece o chamado dualismo religioso proposto pelo cristianismo, no sentido de que os deuses do continente negro sugerem, originariamente, um caráter ambivalente, podendo ser, ao mesmo tempo, benfazejos e perigosos.

Por outro lado, há um sentido estrito na interpretação do que venha a ser, realmente, o vodu, e que interpreta este sincretismo como um conjunto de rituais ligados unicamente aos princípios do cristianismo e da magia branca, com integral oposição às exacerbações do ritual petro e, mais ainda, às travessuras das seitas vermelhas. Não encontraríamos, porventura, ideologia semelhante no Brasil, identificássemos o rito arada com a umbanda, esta sempre em busca do aprimoramento espiritual, e os excessos cometidos no rito petro e nas seitas vermelhas com nossa macumba ou a quimbanda? Em tempo, o ritual arada ou rada, teria surgido como uma reação contra as deformações espirituais do ritual petro.

Assim, nem o houngan, verdadeiro sacerdote, poderia ser confundido com o bocort (bokô), simples feiticeiro quase sempre ligado às maroteiras da magia negra e das seitas escusas, destacando-se, entre

estas, a dos Bessagens, dos Porcos sem pêlos, dos Porcos cinza e dos; Vinbrindingues (de manding, tribo canibal africana).

Vários povos primitivos já opunham o sacerdote, propriamente dito, ao feiticeiro clandestino, que pactuava com os maus espíritos. Entre os bantu, por exemplo, o grão-sacerdote, chamado Ganga ou Quimbanda, não se confundia com o Meloge, feiticeiro vulgar. Também o índio brasileiro, que venerava seus mortos com o maior carinho não concedia sepultura àqueles tidos como praticantes da magia negra, sendo seus corpos lançados às torrentes ou ao fundo dos penhascos.

0 bocort pode fazer de tudo um pouco; é bruxo sim, mas, é também medicine-man (docteur feuille), conhecendo, como ninguém os segredos curativos da flora haitiana. Estará, no entanto, sempre identificado aos objetos-fetiches denominados ouanga (wanga), destinados, quase sempre, a promover malefícios.

Os bruxos haitianos seriam capazes até de fazer os mortos, retornarem ao mundo dos vivos, transformando-os em zumbis (zombies), corpos sem alma, como veremos adiante. Mas, todas estas crendices e bruxedos, não nos parece conveniente colocá-las como parte integrante do vodu stricto sensu ou vodu-religião.

Em contrapartida, todo houngan que se preze deve conhecer, perfeitamente, as maroteiras e as novidades do bocort e os antídotos respectivos, embora esteja obrigado, por princípio ético, a utilizar com as maiores precauções as forças do mal, pois estas se podem voltar contra seu próprio invocador, caso sejam acionadas para futilidades ou para vinganças pessoais.

Quanto às seitas vermelhas haitianas, são aquelas que conclamam,

os espíritos inferiores e de mau caráter. Em suas sessões, sacrificam-se animais, supostamente identificados aos infelizes, cuja desgraça se pretenda. Outro procedimento bastante comum, nestas confrarias do mal, consiste em mergulhar uma faca na água de uma bacia que contenha o retrato da vítima, com o que esta se encontrará em maus lençóis.

Nem poderiam faltar, neste panorama, as famosas efígies humanas (paket), laboradas em madeira ou em cera, às quais se ateia fogo ou se espetam alfinetes de metal enferrujado, com o que, certamente, as pessoas a elas identificadas ficarão bastante maltratadas.

Antiqüíssima, na verdade, a crença na força sobrenatural de tais efígies. No antigo Egito, já se acreditava que o espírito de uma pessoa falecida podia reencarnar numa estatueta de argila, de madeira ou de metal, sendo a literatura do Nilo riquíssima em exemplos do fenômeno da transformação de bonecos de cera em pessoas vivas, tão logo um bruxo, conhecedor de certas palavras mágicas, as pronunciasse sobre aqueles. Na maioria das tumbas egípcias constatou-se a existência de pequenas efígies denominadas shaouabti ou oushebti, cuja função era atuar como servidores do defunto no além. Em túmulos das primeiras dinastias foram encontradas estatuetas de hipopótamos (animal identificado ao monstro das trevas, talvez por realizar verdadeiras devastações nas propriedades ribeirinhas do Nilo), devidamente transpassadas por facas de sílex, supostamente pertencentes a feiticeiros.

0 Papiro de Turim, decifrado e publicado em Paris, em 1868, alude a uma conspiração contra um faraó, iniciada mediante práticas mágicas contidas no célebre Livro de Thoth. Pretendia-se a morte do rei com a incineração pura e simples de pequeninos bonecos de cera virgem, laborados à forma e semelhança de cada elemento da corte. Aliás, é de se frisar que no Egito, como na Caldéia ou no México pré-colombiano, o

homem não morria: era morto. Doença e morte eram desgraças provocadas, no mais das vezes, por demônios acionados pela magia negra.

Platão (428-347 a.C.), célebre filósofo grego, discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles, menciona vários casos de magia da efígie. Aristóteles (384-322 a.C.), pensador cuja sapiência e seriedade são incontestáveis, sendo preceptor de Alexandre Magno, acompanhava seu pupilo nas célebres campanhas militares que este realizava, e trazia, em qualquer circunstância, uma caixa contendo soldadinhos, aos quais o filósofo ia suprimindo pernas, braços, a cabeça, pois significavam os próprios inimigos de Alexandre, que deviam ser destruídos, antes de qualquer coisa, pela magia.

Quinto Horácio Flaco (65-8 a.C.), sugestivo poeta latino, descreveu, detalhadamente, os malefícios da feiticeira Medéia, que também costumava picar, com alfinetes, pequenas efígies de cera, identificadas às suas vítimas. E, na Idade Média, acreditava-se que bruxas colocavam, ao pé do fogo, imagens de cera virgem que representariam seus desafetos, a fim de que no instante em que o material começasse a derreter, eles caíssem fulminados.

No ano de 1447, a mulher do duque de Gloucester foi acusada de atear fogo a uma efígie em cera do rei Henrique VI, para que este sofresse morte horrível. Em virtude de seu escalão social, a mulher escapou à pena capital, mas, seus cúmplices foram condenados.

O escritor Maurice Bouisson conta como o historiador árabe Ibn Khaldun observou a prática de um feitiço com efígie (dagyde) no Egito muçulmano:

"Vimos, com os nossos próprios olhos, um destes magos fabricar a

efígie duma pessoa que pretendia enfeitiçar. As efígies compõem-se de coisas, cujas características têm uma certa relação com as intenções e os projetos do operador. Essas coisas representam simbolicamente os nomes e as qualidades daquele que deve ser a vítima com o propósito de os unir e desunir. Em seguida, o feiticeiro pronuncia algumas palavras sobre a efígie, que acaba de colocar à sua frente, a qual oferece a representação real ou simbólica da pessoa que ele quer enfeitiçar; depois o feiticeiro sopra e expele uma porção de saliva que se tinha juntado na boca; simultaneamente, faz vibrar os órgãos que servem para enunciar as letras da fórmula maléfica. Então, põe uma corda por cima da figura simbólica e ata-lhe com um nó para significar o seu propósito de agir com resolução e persistência e de manter inquebrantável pacto com o demônio, seu associado na operação, no momento e que cuspia sobre a efígie. O nó significa também que permanece inquebrantável a sua intenção de consolidar o encanto. A estes processos e a estas palavras carregadas de malefício está ligado o mau espírito que, envolvido na saliva, sai da boca do operado Vários espíritos maus precipitam-se, então, sobre a figura e o resultado é o mago fazer cair sobre a vítima o nó desejado".

Jean Mazel, pesquisador francês, dedicado ao estudo das populações do Marrocos, constata que os feiticeiros marroquinos também confeccionam pequenas efígies de madeira, sobre as quais; sussurram fórmulas encantatórias secretas, destinadas à efetivação de malefício. E, na magia dos índios brasileiros, tais procedimentos também fazem presentes; entre os carijós, por exemplo, amarrar um sapo numa árvore, invocando o mal a determinada pessoa, faria com que e fosse apodrecendo, como o próprio batráquio aprisionado.

Do exposto, depreende-se que o chamado envultamento, ou magia da efígie, constitui um arquétipo de procedimento mágico, constatado em todas as culturas de todas as épocas, desde a pré-história (magia da caça) até a feitiçaria contemporânea. Este bizarro procedimento do gênero

humano merece, por isto, pensamos nós, mais algumas linhas deste capítulo. Sem mais delongas, portanto, já vamos dizendo que o dagyde (palavra de origem grega, significando efigie ou boneca), corresponde ao chamado vulto (do latim vultus), consistindo numa peça de madeira ou de cera, com forma humana, espelhando, da melhor maneira possível, a pessoa que se deseja enfeitiçar. Conforme se pretenda o bem ou o mal desta, a efígie é acariciada ou submetida a maus tratos.

A eficácia do envultamento dependeria, em última análise, da adição ao material com que se confeccionou a imagem, de algum objeto pertencente à vítima ou aparas de suas unhas, pedaços de roupa, gotas de sangue corrompido, mechas de cabelos ou até um dente. Devem ser ministrados ao dagyde ou vulto todos os sacramentos que a pessoa tenha recebido: batismo, penitência, matrimônio. Isto posto, procede-se à sua execração, atormentando-se o pobre boneco com picadas de alfinetes, espinhos ou cacos de vidro, ao ritmo de palavrões e ofensas à vítima.

Dizem que existia um procedimento de magia da efígie, em que o bruxo estendia uma corda com um nó sobre o boneco de cera, símbolo de sua resolução, dizendo as seguintes palavras mágicas: Arator, Lepidator, Tentador, Soniator, Ductor, Comestos, Devorator, Seductor, ao que, animado de seu ódio, o bruxo dominava as partículas fluídicas do odiado; praguejando, atirava com a boneca ao fogo, após cravar-lhe um punhal. No mesmo instante, a pessoa enfeitiçada morria!

0 dagyde pode, também, ser substituído por um sapo, ao qual se ata um pouco de cabelo da pessoa odiada. Cuspindo no animal, o enfeitiçador o enterra num local de passagem obrigatória da vítima, com o que o sortilégio terá o mais amplo sucesso.

Dizem os entendidos na matéria que a semelhança entre o dagyde e

a pessoa enfeitiçada, mais a exaltação do bruxo e a projeção de suas forças psico-fisiológicas rumo à vítima são armas terríveis, e extremamente eficazes. O maleficiador pode, também, provocar uma saída do astral da vítima e condensar, na figurinha de cera, o fluído exteriorizado ou, então, exteriorizando-se a si próprio, adquirir o poder de ferir, à distância, a vítima do bruxedo.

O emprego da cera na confecção do dagyde ou vulto encontraria fundamento na suposição de que este material é excelente condensador do fluído astral, podendo se dizer o mesmo quanto à água. Tais substâncias impregnam-se de sensibilidade exteriorizada, pelo que a vítima sentirá dores horríveis ou queimaduras profundas, caso o enfeitiçador crave alfinetes no boneco ou aproxime, de um vaso com água, uma vela acesa. Nesta linha de exposição, lembramos que teorias recentes afirmam que o corpo humano se acha polarizado e que todo homem possui um campo de força análogo ao do ímã, conforme já ensinava o mesmerismo. Esta disciplina foi criada por Franz Anton Mesmer (1733-1815), médico alemão que afirmava a existência, em todo ser vivo, de um fluido magnético, capaz de se transmitir a outros indivíduos, com o conseqüente estabelecimento de influências psicossomáticas recíprocas. Estudando as curas miraculosas, efetuadas por certo Valentin Greatrakes Mesmer chegou à conclusão que as forças curativas que emanavam das mãos de Greatrakes provinham diretamente dos planetas, e que forças interplanetárias agiam sobre os fluidos magnéticos dos corpos. As doenças nada mais seriam que a atuação destas forças estranhas sobre os fluidos normais.

Isto posto, passaremos, agora, a expor os mais curiosos procedimentos da magia antilhana e da magia brasileira, traçando, preliminarmente, algumas linhas a respeito da magia imitativa e da magia simpática.

A magia imitativa fundamenta-se no princípio de que o efeito se assemelha à causa que o produz. Uma pessoa acredita que conseguirá o que almeja, imitando a coisa desejada; por exemplo, se pretender fazer um malefício ao próximo, laborará uma efígie em cera ou em madeira, à semelhança do inimigo, e a maltratará, com o que a vítima também sofrerá. Por sua vez, a magia simpática afirma que todas as coisas que estiveram em contato em determinada ocasião, passam a exercer recíproca influência, mesmo à distância, como se o primitivo contato persistisse. Por isto, utilizam-se objetos que tenham relação direta com a pessoa a enfeitiçar, e que podem consistir em cabelos, unhas ou peças de roupa.

A feitiçaria afro-brasileira emprega a magia imitativa e a magia simpática, sendo o despacho ou ebó (em Cuba se diz embó) sugestívo exemplo.

Despachar o ebó é livrar uma cerimônia da influência dos espíritos buliçosos, que devem ser adulados com oferendas, como se faz com Exu. Por outro lado, o despacho do ebó pode consistir no cumprimento de uma promessa que concretizou o benefício de alguém. Consistente, regra geral, numa cesta contendo iguarias, moedas de prata ou de cobre e pedaços de roupa da pessoa favorecida, é colocado numa encruzilhada. Pode, entretanto, visar malefícios, sendo o material do feitiço depositado num caminho freqüentado pela vítima ou à porta de sua moradia.

Feitiço de todo singular, é o da troca de cabeças, vale dizer, transmissão das desventuras que estão afligindo determinada pessoa, para outra. 0 feiticeiro prepara o despacho, fixando neste as atribulações do freguês. Colocado o material num lugar bastante transitado, logo aparece um curioso em saber o que é aquilo; ao tocar na coisa, para melhor examiná-la, transferirá para si próprio todos os males que afligiam aquele que encomendara o feitiço.

Em Cuba, a magia fetichista sugere profunda semelhança com a magia afro-brasileira. De uma pessoa, cujo azar persistente se suponha causado por feitiço, se diz que tem a asalación ou ñeque. 0 embó (ebó, no Brasil, como já foi visto), é utilizado para provocar ou para extirpar a salación. Para os afro-cubanos, as doenças seriam provocadas por entidades maléficas, e para sua cura se requer a limpeza do corpo, consistente em oferendas ao santo.

A magia haitiana não faz por menos, e os feitiços são os reis da noite. Apresentados sob as mais diversas formas, as encruzilhadas nunca deixam de apresentar novidades, como uma pena branca e pregos enferrujados, ou duas velas cruzadas e crivadas de alfinetes.

Este último proceder, diria um bruxo haitiano, é magistral para produzir a infelicidade da vítima, desde que ela costume transitar nas proximidades da coisa feita; se o freguês discordar e preferir outro, basta enterrar, ao lado de um cadáver, uma peça de roupa da pessoa que se deseje enfeitiçar, pois, à medida que este se for decompondo sob a terra, a vítima constata, horrorizada, que sua carne e seu sangue vão, também, se desfazendo.

Poder-se-ia, até, vestir num cadáver a roupa do inimigo visado, abandonando-se o corpo num lugar inacessível de uma floresta, de molde a evitar que a vítima venha a localizá-lo. 0 resultado disto é que já houve casos de pessoas ficarem loucas ou morrerem de verdade, tamanho o pavor sentido, ao se saberem objetos deste horrendo malefício.

A magia antilhana reconhece, contudo, potentes contra feitiços, como o fechamento de corpo. Para este, o houngan ou o próprio bocort recomendariam ao cliente confeccionar uma camisa de pano rude, para ser usada com um cinturão de erva de Aarão, com fio triplo, fazendo a seguinte invocação:

“Deus do Céu, Senhor da Terra, rei imortal e invisível, perante o qual tremem todos os poderes, fazei com que eu jamais seja vencido, mas, sempre, vencedor! Amém!"

Complementando a oração, uma esmola aos pobres, todas as sextas-feiras.

Seja como for, no Haiti toda pessoa conta com a proteção do gros bon ange, entidade semelhante ao anjo da guarda, que o feiticeiro, ao tentar o malefício, buscará afastar de imediato. Ademais, a noção do chamado choque de retorno é conhecida pelos haitianos, pelo que o baka ou potencial malévolo contido num ouanga pode se voltar contra o próprio autor do enfeitiçamento, desde que a vítima não se encontre em fase de receptividade ou recorra a um bruxo mais poderoso.

Um dos curiosos procedimentos de magia no Haiti é este, o ouanga protetor:

"Juntar uma pequena moeda de ouro, outra de prata, um pedacinho de ferro, um pedacinho de pedra-trovão, um punhadinho de areia de rio, um pedacinho de seringueira, uma pitada de cinza de madeira, um pouco de fumaça de madeira, um olho sem olho, uma cauda sem cauda, guiado por São João Batista e acompanhado por São Monton e pelo Espírito Santo. Tomar uma cruz de cemitério, uma folha de ervilha do Congo, um dado virgem, um ar de agulhas e uma mecha de cabelos do cocoruto."

Deve-se deixar este ouanga, durante sete sextas-feiras, sobre o peitoril da janela.

Agora, um ouanga de amor. Num pequeno almofariz, a feiticeira deve pulverizar o corpo seco de um colibri, murmurando: Madeira dos bosques, aves dos bosques, mulher criada por Deus. Ave dos bosques, voai para

dentro de seu coração. Eu te ordeno em nome das três Marias e em nome de Ayida, Dolor, dolori, passa. Isto feito, misturar algumas gotas de sangue seco do homem apaixonado, bem como um pouco de seu esperma, acrescentando o pólen de algumas flores silvestres. Colocar tudo numa pequena bolsa, feita de testículos de touro e entregar o preparado ao cliente, devendo o pó mágico ser lançado sobre a mulher amada.

Em contrapartida, eis uma invocação de todo maléfica:

"Velho mestre, chegou a hora de cumprir o que me prometeste! Amaldiçoa meu inimigo como eu o amaldiçôo agora, faze-o apodrecer como eu o faço apodrecer agora. Pelo fogo da noite, pela galinha preta morta, pela garganta cortada, pelo bode expiatório, pelo rum lançado à terra, que este ouanga caia sobre ele. Que ele não possa mais dormir, nem comer, nem se ocultar. Use-o, fira-o, infecte-o, faça-o apodrecer como este ouanga apodrecerá!"

Conta-se que nos tugúrios das seitas vermelhas haitianas são comuns os sacrifícios humanos, especialmente de crianças. Um caso famoso é o de um sacerdote francês que, investigando os mistérios do vodu, penetrou certa noite, num bosque desconhecido onde, se dizia, os bruxos faziam das suas. Oculto pela vegetação descobriu, numa clareira, a realização de um estranho ritual. À luz das tochas dos participantes da reunião, constatou horrorizado, que o chamado sacrifício do cabrito sem chifres, de que tanto ouvira falar, era, sem mais nem menos, o de um menino. A criança, atada pelos pés, em dado momento foi suspensa por uma corda e transpassada por aguçados punhais. Não é preciso dizer que o nosso bom padre fugiu, aterrorizado, em busca do auxílio. Ao voltar, devidamente acompanhado por policiais, remanesciam, no local, apenas o crânio e os ossos do petiz, junto às cinzas de uma fogueira e a outros despojos da terrífica noitada.



## MAGIA NEGRA E SUGESTÃO

Para muitos pesquisadores, o segredo da suposta eficácia sobrenatural dos feitiços afro-americanos e da magia negra em geral, reside, unicamente, na sugestão da pessoa que se acredite embruxada. Alguém facilmente sugestionável pode supor estar sendo vitimado por algum procedimento mágico funesto; daí, a passar para exóticas suposições para a própria loucura, não vai mais que um passo! Casos concretos confirmam.

É preciso ter em conta que o medo é uma das mais sérias emoções da alma humana; quando intenso, atua violentamente sobre o sistema nervoso. Se a tensão perdura por tempo excessivo, sem haver uma liberação correspondente, poderá, mesmo, ocorrer a morte do paciente, advinda como natural conseqüência de um estado de choque, provocado pela super-atividade do sistema simpático e endócrino, seguida de excessiva descarga de adrenalina e de outros fenômenos orgânicos. Shakespeare não andava longe da verdade, ao dizer que, no medo, a sensação de morte se acha mais viva.

Um pesquisador inglês sediado na índia, viu, certo dia, estarrecido, caírem fulminados, um a um, seus onze empregados hindus, tão logo os infelizes se deram conta de que haviam comido carne de vaca, que, como se sabe, é tabu em seu país. 0 alimento estava perfeitamente são, e a causa mortis não foi determinada...

São inúmeros, enfim, os casos de pessoas que chegaram à loucura, quando não à própria morte, por se acreditarem vítimas de malefícios. E nestes casos, os exames necroscópicos não revelam nenhuma causa mais palpável para tais funções.

Na verdade, a sugestão é fenômeno que vem despertando o maior interesse da ciência contemporânea, até mesmo paradas cardíacas temporárias vêm sendo conseguidas mediante hipnose. Pelo menos um terço dos doentes que transitam pelos hospitais, ambulatórios e consultórios são portadores de distúrbios funcionais, dependentes do sistema nervoso e não de afecções orgânicas, a despeito de tanto os pacientes como seus médicos ignorarem tal circunstância. As experiências levadas a efeito com os chamados placebos fornecem notáveis exemplos da força da sugestão. Placebo é qualquer substância sem qualquer efeito medicinal para o caso que esteja sendo estudado, que o paciente, entretanto, pensa ser um remédio eficaz para seu mal.

Diriam os espíritos cartesianos que, cientes do poderio da sugestão, os bruxos conseguiriam concretizar sua vontade somente se fizessem saber às vítimas, direta ou indiretamente, suas malévolas intenções. Sem a formação de um laço psíquico prévio entre algoz e desafeto, o feitiço stricto sensu não surtiria efeito algum.

0 feiticeiro, que obtém sucesso em suas estrepolias, não passa de um tipo astuto que conhece bem a eficácia da ação psicológica intensa sobre pessoas sensíveis, sugestionáveis, sem que isto implique qualquer fator sobrenatural. Incutindo, a pouco e pouco, na mente de suas vítimas, estariam sendo estas envolvidas por fulminantes encantamentos,

ingressariam, as infelizes, naquele estado de ansiedade constante de que nos falam os psicanalistas. Isto poderia, mal comparando, ser tido como o cruel hipnotismo com que uma víbora faz o pássaro vir diretamente para sua horrenda boca, sem que a avezinha tenha forças para se afastar da morte certa.

Passemos, agora, para o chamado feitiço material ou feitiço direto, que nada mais é que o simples envenenamento e que apresenta, a nosso ver, sugestiva importância para este capítulo.

Na verdade, muitos casos que poderiam revelar uma suposta eficácia do feitiço, constituem envenenamentos ou formas outras de homicídio puro e simples. Daí, a dificuldade de se estabelecer objetivamente, um hiato entre inócuas práticas de bruxaria e a conduta criminosa. Algum aprendiz de feiticeiro poderá intentar produzir malefícios mediante atitudes que só teriam resultado em sua mente conturbada, mas, poderia, em contrapartida, ocasionar, mediante fórmulas mais objetivas, males verdadeiros que, se nada tiverem de sobrenatural, bem poderão mandar para o além quem quer que seja, graças à utilização de infindável arsenal de venenos terrivelmente eficazes.

Tivemos oportunidade de ver como os negros do Brasil-colônia encomendavam poções venenosas para ministrarem-nas a seus senhores, em busca de vingança por algum castigo inoportuno. Na mentalidade supersticiosa dos escravos, não era o efeito químico do preparado que causava o malefício aos patrões, mas, a própria vontade do feiticeiro fornecedor da peçonha.

Na Europa do século XVIII, quando os malefícios desfrutavam de

excepcional credibilidade, não apenas junto à plebe, mas, também, junto às próprias autoridades civis e eclesiásticas, era comum alguém que pretendesse se desfazer de um inimigo envenená-lo e, depois, atribuir a prática de seu desatino à submissão espiritual de que supostamente seria vítima por obra de algum feiticeiro. Perante o tribunal civil, o fato, considerado objetivamente, não passaria de homicídio, que, provado, acarretaria a pena capital; mas, a simples invocação de tal feitiço poderia mudar o rumo do caso e dotar o réu de uma defesa bem mais substanciosa, alegando-se a submissão do infeliz a uma vontade maligna, que o teria forçado a matar. Com tal conversa, poderia cair sob a jurisdição do Santo Ofício e, com um pouco de sorte, obter um perdão oficial, desde que demonstrasse arrependimento por suas possíveis crenças pagãs.

Hoje, entretanto, o envenenador ou suposto feiticeiro, estará sujeito às penas de praxe, independentemente de quaisquer invocações de submissão às forças do mal...

Diga-se o mesmo do curandeiro, que faz de sua atividade rendoso meio de vida, podendo, culposamente, concorrer para a própria morte de seus pacientes. Casos de intoxicação ou tétano, provocados por certas receitas, não são incomuns.

Não constituirão, entretanto, crime ou contravenção, práticas de exorcismo por ministros qualificados, práticas de espiritismo e até a feitiçaria como religião, desde que não se atente contra a ordem pública e contra os bons costumes, e que não haja pretensão de curas miraculosas (crime) ou exploração da credulidade pública (contravenção).

Por outro lado, nos termos da lei, se alguém pretende fazer mal ao próximo mediante passes e mera verborragia, sem que a vítima se deixe

sugestionar, não comete crime algum, tendo-se em vista, aqui, a figura do chamado crime impossível, consoante dispõe o art. 14 do Código Penal.

Existem aqueles que não aceitam a eficácia sobrenatural dos fetiches. Vejamos o reverso da medalha. Dissemos, anteriormente, umas poucas palavras sobre a doutrina do magnetismo animal, desenvolvida por Mesmer em sua tese *De Planetarum Influxu*, e que teria dado origem à moderna hipnose. Segundo esta teoria, o fenômeno da sugestão seria devido à emanação fluídica produzida pelo homem. Realmente, há milhares de anos, sistemas filosóficos e escolas esotéricas vêm afirmando que o corpo físico do homem tem o complemento de um corpo etérico, igualmente chamado corpo astral, corpo bioplásmico, aura humana, magnetismo, fluido etérico.

A influência recíproca entre os corpos dá como resultado o magnetismo; o homem possui energia magnética, denominada magnetismo animal, suscetível de penetrar todos os corpos, sólidos ou líquidos, que, também, são competentes para propagar a energia magnética. Se afiançarmos, com o cientista Mesmer e com o ocultista Agrippa, que o homem contém magnetismo, emitindo e recebendo vibrações, teremos enunciado um princípio integralmente aceito pela magia. Ora, que é o feitiço, senão uma suposta técnica de se atingir alguém à distância? Poderia um feiticeiro, nesta linha de pensamento, enviar vibrações a outrem, realizando, à distância, aquilo que um hipnotizador desenvolve sobre seu paciente. 0 feitiço atuaria no corpo etérico, residindo sua eficácia na energia emocional alimentada pelo maleficiador, que estabeleceria um liame com sua vítima. A onda portadora de energia emocional encontraria fácil ressonância no corpo bioplásmico da pessoa a ser atingida, seguindo o feiticeiro certos quesitos fundamentais da magia negra, como a escolha de uma época em que a receptividade da vítima seja fértil, com o que obterá, certamente, o mais pleno êxito em seus pérfidos desígnios. Tudo que venha a atuar no corpo astral de uma pessoa será logo sentido pelo

corpo físico propriamente dito, pelo que, estabelecido o liame magnético entre o bruxo e seu desafeto, deve este, imediatamente, romper tal laço. Como fazê-lo? Procurando não pensar nas pessoas consideradas suspeitas da prática do bruxedo e, se houver necessidade disto, que surjam, apenas, pensamentos positivos. Assim agindo, a quase vítima estará a salvo. Aliás, já afirmava o ocultista Papus que a pedra angular da magia é um prático e profundo conhecimento do magnetismo e da eletricidade, de suas qualidades, de suas correlações e potencialidades. Em casos mais graves é necessário fazer algum trabalho de proteção que, não ctaremos aqui o que deve ser feito pois dependerá de cada caso específico.

Poder-se-ia, até, dizer que o mundo visível nada mais seria que uma duplicata de um mundo invisível, morada de uma infinidade de espíritos Elementários (entidades espirituais evoluídas) e elementares (espíritos insensíveis ao bem e ao mal e instrumentos de ambos), eis sua denominação. Em tal mundo invisível remanesceriam, também, nossos pensamentos, lá fixados como seres viventes fusionados com um elementar. Assim, um pensamento positivo, benéfico, se perpetua como um poder ativo e benévolo, ao passo que um pensamento deletério se portará como um demônio produtor de males. Os elementares achar-se-iam nas capas inferiores do plano astral e atuariam em relação imediata com o plano físico, obedecendo à boa ou à má vontade que os dirigisse. Daí, a eficácia do feitiço, seja ele salutar ou malévolo. Vale frisar que os elementares sempre serão irresponsáveis por seus atos, e somente agirão de acordo com os desígnios que os encaminharem. Seriam, em sugestivo exemplo conferido pelo ocultista Papus, como o cachorro de um ladrão que ataca as pessoas de bem por influência de seu dono, ou como o de um pastor que daria a própria vida para defender o rebanho de seu amo. Os dois animais ignorariam o que venha a ser um homem honrado ou um facínora, sendo, portanto, irresponsáveis em suas ações, restringindo-se a obedecer a seus proprietários, a quem pertenceria toda a responsabilidade por suas possíveis arremetidas.

Que conclusão tirarmos de tudo isto? As artes mágicas de um bocort haitiano ou de um mago oriental apresentam um efeito que lhes é ínsito ou este é meramente ilusório? Seria possível ao autor de um encantamento utilizar vibrações magnéticas (benéficas ou malévolas), rumo à concretização de seus desígnios? Uma coisa é certa: no espaço se exercem influências ainda mal conhecidas, e não seria temerário afirmar que, como o amor, o ódio e a malquerença emanam vibrações sutis, mas, poderosas. No caso específico do feitiço, somente um controle rigoroso, que abrangesse um grande número de casos, poderia fornecer, pelo menos, um quadro de probabilidades, objetivo de difícil consecução, pois, nem autores nem vítimas de bruxedos teriam, por motivos óbvios, interesse em se dar a conhecer...

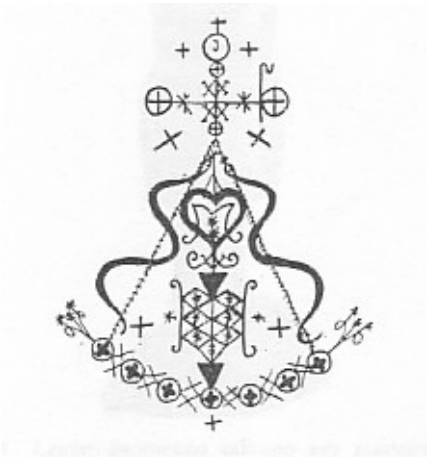
A celebérrima assertiva shakespeariana de que entre o céu e a terra existem mais mistérios do que possa apreender a nossa vã filosofia, será sempre oportuna. Somente agora, por exemplo, o Ocidente começa a dedicar atenção e votar um respeito maior à magia oriental, talvez em busca de um lenitivo para suas neuroses. Houve época em que chegamos a considerar atrasados povos dotados de tradições milenares, ipso facto, respeitáveis. Se o Ocidente talvez tenha ultrapassado o Oriente no campo da técnica, este nada tem a nos invejar no plano espiritual.

A clarividência é fenômeno freqüentemente constatado no vodu haitiano. Exemplo impressionante neste sentido é o de uma anciã de mais de cem anos de idade que, repousando, em sua residência, foi, subitamente, montada por um loa. 0 espírito, pela boca da mulher, anunciou que, dentro de poucos dias, morreria alguém da família. Os parentes, estupefatos, logo pensaram tratar-se da morte da própria velhinha. Mas, quem morreu, pouco depois, foi um de seus filhos, vitimado por um ataque cardíaco...

Outra mulher, cavalgada por Erzulie num serviço do vodu, levantou um atabaque que pesava mais de cem quilos ...

A xenoglossia (fenômeno que consiste numa pessoa falar idiomas que desconhece), a insensibilidade à dor, o aparecimento de chagas semelhantes às de Cristo, também já deram sua presença em sessões do vodu. Diga-se o mesmo dos oráculos (respostas que dão os deuses às perguntas que lhes fazem os fiéis) e da hepatoscopia (adivinhação do futuro pela observação das entranhas de animais) são dados correntios no vodu haitiano e que podem encontrar similares nas adivinhações proporcionadas pelo jogo dos búzios ou pelo colar de Ifá na umbanda e no candomblé brasileiro.

A verdade é que as teses racionalistas vêm encontrando dificuldades em elucidar, convenientemente, alguns fenômenos até agora tidos como sobrenaturais. AI Burt e Bernard Diedrich, autores pragmáticos por excelência, quase sempre voltados para os problemas da política haitiana, em seu livro Papa Doc e os Tontons Macoutes, chegam a afirmar que alguns casos de ouangas maléficos e de zumbis não foram, até hoje, convenientemente esclarecidos pela ciência oficial. Exemplos similares se multiplicam, novas indagações são formuladas pelos espíritos mais sensíveis, e a ala liberal dos pesquisadores, cada vez mais numerosa e original em suas teses, passa a dar enfoques de infinita imaginação aos mistérios do sobrenatural...



## O HORROR DOS MORTOS VIVOS

Incontáveis, na verdade, as estripulias dos bruxos haitianos; há quem afirme terem eles, até mesmo, o condão de fazer com que os mortos retornem a uma estranha espécie de vida sem alma, totalmente submissos à sua vontade. Tal crendice, antiqüíssima, encontra raízes em tradicionais crenças africanas, onde, por exemplo, todo medicamento aplicado a um doente carece de força própria, dependendo, seus efeitos, da própria vontade do curandeiro. Se o paciente busca se furtar ao pagamento de uma consulta, o médico pode conjurar a força curativa do remédio, e o freguês entra em recaída. Assim, pode mais a palavra que a substância. Isto, aliás, era correntio entre os negros escravos radicados no Brasil; para se vingarem de alguma humilhação de seus patrões, ministravam-lhes venenos de ação lenta e insidiosa, oriundos da infinita farmacopéia latente, que é a flora brasileira. Quando o feiticeiro fornecia a droga ao freguês sequioso de vingança, estava oferecendo uma substância mágica, cujo malefício seria controlado apenas pela própria vontade do bruxo. Assim, o patrão do escravo ofendido morria pela vontade malévola do enfeitiçador, e não pela ação tóxica das poções. Tudo isto constitui, vale lembrar, o chamado feitiço direto ou material, em oposição ao feitiço indireto ou simbólico, haurido na magia imitativa ou simpática.

Voltemos para o Haiti, entretanto; dizíamos que o curandeiro, ou medicine-man, tanto pode curar como fazer adoecer, dependendo de sua vontade. Ora, alguns adeptos das seitas vermelhas, dotados de palavra forte, seriam capazes de aniquilar a força vital (nommo) de seus semelhantes, transformando-os em horrendos mortos-vivos (zumbis ou zombies), que lhes prestariam serviços braçais em duras tarefas agrícolas.

Tais monstros podem ser reconhecidos pelo ar estúpido e pela forte entonação anasalada da voz, e cognominados zumbi-jardim pelos

camponeses, estarão indefinidamente vinculados à sua triste sina, obrigados a obedecer ad perpetuum seus diabólicos criadores. Há uma importante ressalva, entretanto; um zumbi não poderá, jamais, ingerir sal, uma vez que tal substância é o próprio nommo do alimento e símbolo da vida.

A palavra zumbi (zombie ou ainda zombi) parece provir do congolês nvumbi, vocábulo que designa o corpo despojado da alma, o próprio cadáver, afinal, Desprovido de vontade e pensamento, acha-se sob o controle do feiticeiro. Por outro lado, o termo zumbi é empregado também para designar as almas das crianças mortas sem batismo,

Várias lendas africanas nos falam de feiticeiros canibais que costumam violar sepulturas para satisfazer seu brutal apetite. Trazem, sempre, em suas maroteiras, duas varinhas mágicas, uma, vermelha, a outra, preta. Com esta, podem animar o morto e submetê-lo à sua vontade, com aquela podem fazê-lo morrer novamente...

No Haiti, a morte é evento, que requer, mais que qualquer outro, a atenção do camponês supersticioso. Conta-se que, para evitar a maldição do zumbi, muitas famílias chegam a colocar arsênico na boca do falecido e mutilar seu corpo, após cravar-lhe uma estaca no peito, medidas complementares da construção de um sólido muro de pedra, protetor da tumba. Às vezes, o patético cede lugar ao pitoresco: coloca-se, junto ao féretro, uma agulha de costura, um pedaço de linha e um saquinho contendo sementes de sésamo, a fim de que o morto, entretido no enfiar a linha no buraco da agulha ou em contar as sementes, não atenda às investidas do bocort...

Como se faz um zumbi? É simples, diria cinicamente um bruxo haitiano, com pérfido e enigmático sorriso; basta freqüentar um cemitério, na calada de uma noite escura, escolher uma tumba fresca e, diante desta,

empregando irresistível. força mental e proferindo palavras mágicas, indeclináveis por motivos óbvios, chamar o morto pelo nome, por três vezes, ordenando que ele se levante. 0 infeliz atenderá, então, ao pérfido reclamo e passará a ser escravo de seu invocador, se este assim o desejar...

Sofisticada fórmula para invocar os mortos foi encontrada num dos bolsos de um general haitiano que, no ano de 1920, enfrentava marinheiros norte~americanos. William. Seabrook, que a ela se reporta em sua obra A Ilha Mágica, assim no-la descreve:

"Ide a um cemitério à meia-noite de uma sexta-feira, levando uma vela branca, uma folha de acácia silvestre e uma garrucha. Escolhei o túmulo de um homem, defronte ao qual direís: Exurgent mortui et acmo venient. Ouvireis um trovão; não temais contudo, e dai um tiro. 0 morto vos aparecerá; não deves fugir, mas, recuar três passos, repetindo por três vezes: Eu te asperjo de incenso e de mirra como foi perfumada a tumba de Astaroth".

Haveria, afinal de contas, uma explicação para certos casos de zumbificação, ainda não suficientemente esclarecidos? Será que alguns experientes feiticeiros conheceriam milenares segredos ervanários, capazes de produzir um estado de catalepsia em certas pessoas resgatadas após seu sepultamento? Na hipótese, a crise cataléptica seria prolongada mediante ministério periódico de drogas malévolas? Poderiam estas, por outro lado, se resumir a uma só, extraída de curiosa planta denominada tuer-lever (matar-levantar)? Atente-se para o fato de que, na área rural do Haiti, o forte calor tropical e o desamparo social fazem com que muitos cadáveres sejam enterrados sem comprovação do óbito nem necropsia. Isto sugere, perigosamente, a probabilidade de sepultamentos prematuros; daí a insinuação, promovida pelos espíritos mais facilmente sugestionáveis, de que tais crises catalépticas constituem uma horripilante realidade.

E se, ao invés de ministrar drogas às suas vítimas, para colocá-las e mantê-las sob controle, os bruxos haitianos empregassem a hipnose em seus pérfidos desígnios?

Eis, devidamente equacionado, o mistério dos zumbis, os mortos-vivos das noites haitianas. Desde já, afastemos conclusões ortodoxas e inarredáveis, quando não injustas, sobre as crenças supersticiosas desta ou daquela comunidade. Enveredássemos pela História e veríamos o temor supersticioso sempre latente, na vida cotidiana e até na legislação dos povos. No Êxodo (22, 18), Moisés já advertia: "Não deixarás viver as feiticeiras". Mais tarde, em Atenas, encontraremos uma legislação específica contra a magia, prescrevendo a pena de morte para o caso. Enfim, na Antigüidade a magia negra desfrutava de tão hórrido prestígio que as próprias perseguições movidas contra os cristãos o eram em nome do cumprimento de leis contra as artes mágicas. 0 Direito Penal romano punia as práticas da magia (Paulo, 5, 23, 17). 0 Direito Eclesiástico, desde seus primórdios, manteve a perseguição aos praticantes da magia. 0 Concílio de Iliberis, celebrado à época de Constantino (274-337 d.C.), excomungava todo aquele que causasse a morte do próximo através da magia negra, e o Código Teodosiano apenava os conciliábulos, as artes divinatórias e os sacrifícios pagãos. 0 célebre Código intitulado Las Siete Partidas (por estar dividido em sete partes), mandado elaborar pelo Rei Afonso, o Sábio, nos anos 1256 a 1265, punia severamente adivinhos e fazedores de imagens e mais feitiços. Da Inquisição nem é bom falar. As leis penais da Nigéria contemporânea castigam todo aquele que, tendo vocação para bruxo, pretenda seguir carreira. Diga-se o mesmo de Tanganica e Uganda. E na culta Inglaterra, na Câmara dos Comuns, um deputado solicitou ao Ministro do Interior que se colocasse a bruxaria fora da lei; não foi atendido, pois isto, disse o parecer em contrário, importaria em revigorar diplomas legais revogados desde o século anterior,

assinalando ser a legislação em vigor suficiente para a manutenção da ordem...

## COMO PREPARAR O BONEQUINHO VODU E SUAS FINALIDADES



## ***Feitiçaria feito com dois bonecos para causar mal a qualquer criatura.***

Observe com atenção o que vamos ensinar para esta mágica ser bem feita.
Faça dois bonecos: um deles representa a pessoa que vai fazer o feitiço, a outra representa a pessoa a ser enfeitiçada.
Depois que os bonecos estiverem prontos, una-os um ao outro de maneira que fiquem muito abraçados. Depois amarre uma linha no pescoço dos dois como quem está querendo esganar o outro e depois pregue cinco pregos nas partes indicadas, sempre varando de um ao outro começando pela pessoa que deseja enfeitiçar.

1. **Na cabeça:** Ao pregar diga (nome da Pessoa), eu (seu nome) te prego e amarro e espeto o teu corpo, tal qual espeto, amarro e prego a tua figura.
2. **No peito:** Ao pregar diga (nome da Pessoa), eu te juro debaixo do poder de (entidade escolhida) que de hoje em diante não hás de ter uma hora de saúde.
3. **Na barriga:** Ao pregar diga (nome da Pessoa), eu te juro debaixo do poder da magia negra que de hoje em diante não haverás de ter um minuto de sossego.
4. **Nas pernas:** Ao pregar diga (nome da Pessoa), eu (seu nome) te juro debaixo do poder de (entidade feminina escolhida) que de hoje em diante ficarás possesso de todo tipo de feitiçaria.
5. **Nos pés:** Ao pregar diga (nome da Pessoa), eu te prendo e amarro da cabeça aos pés pelo poder da Magia.

Assim a pessoa ficará sofrendo as mesmas dores como se lhe tivesse pregos espetados no corpo e não poderá ter mais nenhuma hora de saúde,

podendo inclusive vir a enlouquecer.

**Explicação Adicional:** Precisam ser dois bonecos unidos um ao outro, significando que o que enfeitiça está agarrado ao outro como que para matá-lo ou espelhar-lhe com os pregos.

## Notas e adaptações:

- No segundo prego, no livro original, o autor sugere Lúcifer e Satanás como entidades a realizar este propósito. Mas os mesmos podem ser substituídos por outros caso a pessoa já tenha algum demônio que trabalhe para ela e seja apto a realizar tal operação. Os espíritos familiares não estão aptos a este tipo de trabalho.
- No quarto prego , no livro, original é sugerida a entidade Pomba-Gira Maria Padilha para realizar a tarefa, mas do mesmo modo que acima o feiticeiro tem a opção de trocá-la por outra de sua preferência.

## Como o Boneco é preparado:

Geralmente estes bonecos são feitos em cera e encontrados em qualquer casa de umbanda para se comprar. Há pessoas que fazem de massa de modelar, biscuit, etc. Mas, eu, particularmente, considero melhor, a

pessoa tendo a oportunidade fazer o bonequinho de pano de preferência com uma peça de roupa da pessoa usada sem lavar. No lugar do rosto colar uma foto 3x4 ou recortada. Deve-se também quando possível colocar dentro do boneco um, três ou sete fios de cabelo da pessoa, ou pestanas ou unhas. Principalmente em casos de amarração. Neste caso também se possível pode-se colocar o sêmem da pessoa  colhido anteriormente num pedaço de linho branco virgem. Enfim, quanto mais vínculos energéticos da pessoa o boneco tiver melhor. As assinaturas das pessoas também são vínculos fortes e podem ser inseridas dentro dos bonecos.

O boneco representando a própria pessoa que vai enfeitiçar também deve ter estes vínculos.

Outro fator muito importante e que não é citado nos livros, talvez por precaução dos antigos magos é que o boneco deve se batizado com o nome da pessoa a ser enfeitiçada. Caso o feiticeiro seja a própria pessoa que está realizando o feitiço então não é necessário batizar o seu boneco representante, mas se estiver fazendo feitiço para outra pessoa sim.

## Como deve ser o batismo do boneco

Antes de realizar o batismo a pessoa deve se preparar pelo menos uma semana a fim de estar livre de impurezas astrais. Neste período a pessoa não deve comer carne, nem tomar álcool, fumar ou usar drogas, deve meditar todos os dias e fazer exercícios de equilíbrio dos chackras, manter-se longe de pensamentos e atos negativos. A pessoa pode se confessar com o padre, se esta for a sua religião ou fazer um sacrifício qualquer para poder estar livre de pecados e energias negativas. Quando digo sacrifício é sacrifício mesmo, não de sangue, uma coisa difícil de fazer como parar de fumar ou jejum, por exemplo, ou qualquer coisa que a pessoa julgue ser um sacrifício para ela. Deve também manter-se um pouco isolada de contatos sociais – exceto se esse for o seu trabalho, claro.

O boneco deve ser batizado com água benta de igreja – basta ir a uma igreja qualquer e pedir com uma desculpa qualquer de levar para uma pessoa enferma da família.
No dia do batismo antes de realizá-lo a pessoa deve tomar um banho como de costume e em seguida um banho de sal grosso para descarregar. Deve vestir-se de branco e certificar-se de estar em um local onde não será interrompido. Não esquecer de desligar, celulares, campainhas, etc.
O batismo deve ser realizado como na igreja em que a pessoa a ser enfeitiçada foi batizada.

**Exemplo de batismo na igreja católica:**

(Isto é só um exemplo a pessoa pode fazer do modo que achar melhor.)

Deve-se colocar o incenso para queimar. (mirra)

Concentre-se um instante até estar preparado, devidamente concentrado para a realização da cerimônia de batismo.

Quando estiver pronto deve dizer as seguintes palavras:

"(Nome completo da pessoa), eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo".

Então deve-se jogar a água benta na cabeça do boneco e em seguida deve-se ungir a testa do boneco com o óleo previamente consagrado. (Óleo Sagrado ou óleo de Abramelin), fazendo o sinal da cruz três vezes.

Rezar o pai nosso.

Pronto o boneco está pronto para ser usado. Porém o mesmo só deve ser usado depois de passada as 24 hrs do batismo.

## Como usar o boneco para fins amorosos

É muito comum o uso dos bonecos de vodu para se fazer uma amarração de homem ou mulher. Porém neste caso há certa variação.

Faz se o boneco normalmente como explicado acima, quanto mais vínculos com a pessoa o boneco tiver melhor. Neste caso de amor em especial se possível deve-se colocar o sêmem da pessoa previamente colhido num pedaço de linho branco virgem.

Siga os ensinamentos anteriores, mas ao pregar os pregos ou espetar as agulhas diga:

- **Na cabeça:** Ao pregar diga (nome da Pessoa), eu (seu nome) te prego e amarro e espeto o teu corpo, tal qual espeto, amarro e prego a tua figura.
- **No peito:** Ao pregar diga (nome da Pessoa), eu te juro debaixo do poder de (entidade escolhida) que de hoje em diante não hás de ter um só momento de sossego enquanto não estiveres comigo, me amando e me possuindo como mulher e companheira. Ou marido e companheiro.
- **Na barriga:** Ao pregar diga (nome da Pessoa), eu te juro debaixo do poder da magia negra que de hoje em diante não poderás comer, nem beber, nem dormir, nem trabalhar enquanto não vieres até mim realizar meus desejos e vontades. (aqui pode-se dizer o que se deseja – case comigo, fique comigo, etc.)
- **Nas pernas:** Ao pregar diga (nome da Pessoa), eu (seu nome) te juro debaixo do poder de (entidade feminina escolhida) que de hoje em diante ficarás preso a mim por correntes inquebrantáveis e não terás outra alternativa a não ser obedecer a minha vontade que é....

- **Nos pés:** Ao pregar diga (nome da Pessoa), eu te prendo e amarro da cabeça aos pés pelo poder da Magia Ancestral.

Neste caso não se amarra os bonecos pelo pescoço e sim amarra-se um ao outro com 7 metros de fita vermelha, enrolados ao redor do corpo de ambos e em seguida com 7 nós.

**Advertências**

- Esta magia ou malefício só tem poder de duração de no máximo sete anos podendo ser desmanchada por pessoa experiente. Por isso é imprescindível que absolutamente ninguém saiba que a mesma foi executada a fim de que o enfeitiçado não desconfie ou qualquer pessoa ligada a ele que deseje livrá-lo de tal encantamento.
- Somente o fato de o enfeitiçado descobrir o encantamento o mesmo já perde seu efeito.
- Se a pessoa for um mago ou uma pessoa muito religiosa que tenha certa proteção deve-se escolher um momento em que se tenha certeza que a pessoa esteja dormindo e portanto mais vulnerável.
- Deve-se fazer uma oferenda às entidades ligadas ao trabalho.

**Muito importante...**

No ocultismo é muito importante ter conhecimento e saber como as magias são feitas e preparadas, principalmente a fim de saber como defender-se delas. Porém não se pode esquecer que Todo Ato Mágico assim como todos os atos de nossa vida e nosso dia-a-dia produzem um carma. É a lei de ação e reação, causa e efeito.

Não é aconselhável fazer uso deste tipo de magia em nenhum dos casos acima citados pois isso com certeza absoluta trarão uma reação de igual intensidade para o feiticeiro.

Nos casos de amarração especificamente a pessoa pode sim prender a outra por meio desta magia, mas digo a pessoa arrepender-se-á com toda a certeza, pois terá sua vida transformada num verdadeiro inferno tendo ao seu lado uma pessoa que não queria estar. A pessoa virá por causa da ação do feitiço mas não viverá um romance como esperava o feiticeiro ou a pessoa que encomendou o feitiço, viverá momentos de amargura e dor e tentando-se livrar da pessoa não obterá sucesso enquanto não se passe os 7 anos mínimos.

## TRABALHO COM BONECO DE PANO, PARA MATAR OU DESTRUIR UMA PESSOA

Este é um "trabalho" por demais conhecido, perigoso, mas eficiente (quando feito certo), tanto para quem o faz com para quem é feito. É de grande responsabilidade e não poderá, por isso mesmo, ser feito a toda hora e por qualquer motivo. Somente por algo de muito grave que (pelo menos perante quem o faz ou manda fazer), o justifique. É magia NEGRA VOODOO e funciona, mas funciona mesmo. Deverá ser feito, de preferência, num cemitério e apenas com a presença de quem o faz. Caberá a VOCÊ, portanto, fazer ou não este "trabalho".

Consiste ele no seguinte:

### 1) CONSIGA UM POUCO DE AGUA BENTA NA IGREJA.

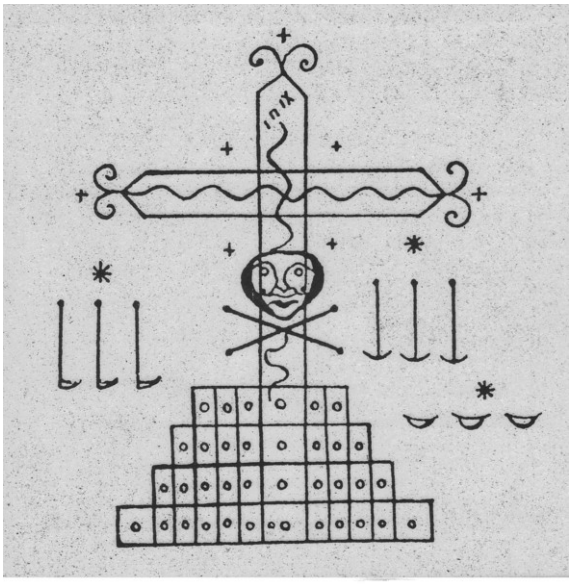
1º) Pega-se, inicialmente, um bruxo (boneco) de pano ou de cera (de preferência de cera) e, como se tratasse de um verdadeiro batismo, pega-se o boneco com a mão esquerda: - Eu te batizo com o nome de (da pessoa que se quer atingir), em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (é lamentável que assim se faça), fazendo-se este batismo, com a água benta;

2º) Isto feito, se pega o boneco, já assim batizado e coloca-se o mesmo de costas, sobre a própria mão esquerda e, um a um, vai-se enterrando no corpo do mesmo uma porção de alfinetes de cabecinha ou de agulhas (virgens, os alfinetes ou as agulhas) e, ao fazê-lo, vai-se dizendo, mais ou menos, o seguinte: Com este alfinete, assim como estou atingindo o pescoço de fulano (ou fulana); deixa-se o alfinete (ou agulha) enterrado, até a cabeça; pega-se outro alfinete (ou outra agulha) e enterra-se em outra parte do corpo do boneco, repetindo-se o que se fez antes; depois procura-se fazer com referência a qualquer outra parte do corpo do boneco, a fim

de se atingir a mesma parte na pessoa que se quer acertar;

2 a) Ideal se tiver uma foto da pessoa seria recortar o seu rosto e colocar extamente onde seria na cabeça do boneco, para este caso, cabelos e unhas se conseguido, deveriam estar no interior do boneco, se de pano, rasga e costura, se de cera, fura e tampa com cera. Um pedaço da roupa, um objeto que a pessoa use muito, uma caneta ou um lápis mordido, pega-se o pedacinho mordido e insere no interior do boneco para se conseguir sua assinatura astral)

2b) Traça-se o seguinte ponto no chão com giz negro:



BARÃO DE SAMEDI - REI DO CEMITÉRIO

2c) Acenda três charutos, três velas, uma preta, uma vermelha e uma roxa. Abra três garrafas de bebida, uma de rum, uma de pinga, uma de licor de cereja. Ponha um suculento pedaço de bife no meio do ponto riscado.

2d) Recite as palavras:

**Atibô Legba, l'ouvri bayè Atibon Legba, abre a barreira**

**pou mwê pra mim**

**Papa Legba, l'ouvri bayè Papa Legba, abre a barreira**

**pou mwê pra mim**

**Pou mwê pasé Para que eu possa passar**

**Lá m'a tounê, m'a salié Logo que eu volte, saudarei**

**loa-yo os loas**

**Vodou Legba, l'ouvri bayè Vodu Legba, abre a barreira**

**pou mwê pra mim**

**Lo m'a tounê, m'a remésyé Logo que eu volte, recompensarei**

**loa-yo os loas**

**Abobo!**

3) Depois de fazer essa operação para se atingir as diferentes partes do corpo da pessoa, pega-se um outro alfinete (ou uma outra agulha) e, enterrando-se com precisão e raiva e violentamente no boneco, à altura do coração do mesmo, diz-se mais ou menos o seguinte: - Do mesmo modo que atinjo o coração deste boneco que representa, materialmente fulano (ou fulana), estou atingindo, firme e profundamente o coração de fulano (ou fulana) que, assim, terá de morrer; isto se você desejar a morte, do contrário, pode atingir a cabeça espetando a coroa (parte de cima do boneco) e querendo loucura, ou qualquer outro órgão do corpo.

4) Isto feito, enterra-se o boneco numa sepultura recentemente ocupada,

do lado dos pés do defunto e pede-se a ele (defunto) que leve, com ele, fulano (ou fulana) e que, se o fizer, receberá uma missa ou até mesmo uma vela acesa (não se deixe de cumprir o que se prometer).

5) Ponha um pontinho de pólvora e acenda.

6) Pegue o bife e entregue para cachorros, qualquer um, de rua comer.